

## **ANEXO 04 – DOSSIER DAS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS**

### **1.1 TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DEOLINDA ROSA FERREIRA**

[durante a entrevista, em ocasiões diferentes, a sua filha Rita... e dois vizinhos, José Ferrugento e Rita Ferrugento juntaram-se à entrevista, pelo que se inclui as suas falas, destacando-as da entrevistada]

**Data:** 02/01/2023

**Local:** à porta da mercearia da filha, no Pisão.

**Idade da entrevistada:** 86 anos

---

**Havia alguma herdade específica em que trabalhasse?**

Trabalhei na Crucieira, trabalhei em Marrocos.

**Como é que conheceu o seu o seu marido?**

Num casamento, que eu não o conhecia.

**E esse casamento foi aonde?**

Fui ali no Monte da Velha. Era onde eu morava. Nunca o tinha visto, não é?

**A senhora não o conhecia?**

Eu não o conhecia.

**E que idade é que tinha quando começaram a namorar?**

Dezoito e ele tinha dezanove.

**Casou pela igreja, não é?**

Casei, sim senhor. O meu marido também era «santanário» ...

**Casaram antes de ir viver juntos? Ou já viviam juntos?**

Já vivíamos juntos. Fomos adiantados. Olhe vivemos... fomos adiantados... talvez aí para Março ou Fevereiro e casei em Maio.

**E sabe em que ano é que foi?**

Isso é que eu não sei... então, eu acho que tinha dezoito anos.

**Casou logo com dezoito?**

Casei.

**Quer dizer que começou a namorar e casou logo?**

Há pouco tempo, aquilo andou pouco tempo... o caminho tinha que se andar.

**Depois de casar, ficou lá no Monte da Velha?**

Não, senhor. Fiquei num monte entro o Crato e o Monte da Velha.

**Qual o nome do Monte?**

Casal Firme.

**A casa não era vossa, pois não?**

O meu sogro tinha isso à renda. Era um monte grande... era assim muito grande. Tinha duas moradas e ele tinha à renda e a gente vivia lá. Eles estavam lá e a gente ficou lá também.

**E a primeira casa no Pisão, foi sua?**

Não, senhora... também foi alugada e a outra que eu vivi lá em cima, que era a do meu sogro, também era alugada. Esta aqui é minha.

**Há quantos anos tem esta casa?**

Essa sei lhe dizer. A minha filha... a mais nova tem quarenta e nove anos. Ela tinha quatro anos, quarenta e cinco anos que aqui estou.

**A senhora é religiosa ou considera-se religiosa?**

Sou, sou.

**Católica, não é?**

Sim, sou.

**Quantos filhos é que teve ou tem?**

Tive quatro, mas tenho três.

**Eu já sei que a sua filha viveu em Portalegre, não é? E os outros filhos vivem aonde?**

Em Portalegre, todos.

**E até quando é que eles andaram na escola?**

Aí, então... a mais nova fez tudo... só não fez aquilo que fazem com as batas...

**Que fazem com o quê?**

Com as batas, quando vestem as batas pretas.

**Fez o 12º ano, não é?**

Sim, fez tudo... e esta esta... oh Rita quanto que é que tu tens? É o segundo ano? - «*Hã? Sim, o sexto ano*». [fala da filha Rita]

**E os outros tem ideia?**

A outra é que tem os estudos que eu não sei... «*a outra tem a quarta classe*». [fala da filha Rita].

**A senhora tem irmãos ou teve irmãos?**

Eu sou sozinha.

**Posso fazer só mais umas perguntas?**

Ah se eu souber responder...

**Pronto. São umas perguntas gerais, sobre o Pisão. Diga-me uma coisa... tem ideia do número de habitantes?**

Não sei... «*à volta de sessenta*». [fala da filha Rita].

**E tem ideia de quantos é que foram? Ideia de número de habitantes?**

*Hã muitos, existiram duzentos ou trezentos.* [fala da filha Rita].

**Atualmente qual a idade de quem vive na aldeia?**

É tudo velho...

**Algumas crianças, não?**

Dois ou três...

**Normalmente quantos filhos é que as famílias tinham?**

*Há aí um casal que teve alguns oito ou nove, mas normalmente andava nos três, quatro filhos [fala da filha Rita].*

**A maior parte das pessoas daqui era do Monte da Velha ou não? Porque tenho a ideia que... pelo menos as pessoas que eu tenho encontrado, dizem-me sempre que nasceram no Monte da Velha.**

Sim, mas depois os maridos são de cá... Eu era do Monte Velho e o marido era do Pisão... era assim e até porque alguns até casavam e iam para o Monte da Velha, depois é que vieram para cá. Ali está a Rita que morava ali no Monte da Velha e vieram para o Pisão...

**Lá era mais difícil construir?**

Era... aquilo era assim... o Pisão aumentou muito... «*depois tinham que vir aqui à mercearia...*». [fala da filha Rita]

**Se bem que a escola havia lá a escola...**

*A escola era lá, mas depois também começou a ser aqui.* [fala da filha Rita]

**Depois mudou para cá, a escola?**

Sim, sim.

**Mas, então, não era por às vezes não haver terreno disponíveis?**

*Não. Então ninguém fazia... e depois começou a falar-se na barragem e ninguém... ainda houve pessoas que compraram uns lotes lá em cima, mas, assim, depois começou a falar-se disto da barragem e já a câmara não autorizou a fabricar mais casas e começaram a abalar... depois começaram a abalar. A barragem estragou aqui o povo.* [fala da filha Rita] Muito, muita gente...

**E diga-me uma coisa. Os bebés nasciam em casa, não é?**

E outros no Crato.

**Mas a partir de que altura?**

Quando não podiam nascer cá... iam para o Crato, mas foi quase tudo cá.

**Normalmente haviam senhoras específicas que eram partidas?**

*Sim, sim... não uma pessoa qualquer, era aí duas ou três velhotas. Pessoas assim de mais idade, que sabiam* [fala da filha Rita].

**E as pessoas que que saíram, que iam saindo, foram para onde?**

Uns para a Marinha... «Em Lisboa estão lá muitos». [fala da filha Rita].

**E também aqui para o Crato e Portalegre?**

*Portalegre nem tanto. Crato já foi agora mais tarde. Mais tarde.* [fala da filha Rita]

**Tem ideia de que idade é que com que eles iam, depois de casados?**

*Era depois de casados. É como lhe estou a dizer, isto da barragem... as pessoas começarem a ver que não tinham futuro.* [fala da filha Rita]

**Quando você [filha Rita] era nova já se falava na barragem?**

Olhe, quando ela veio para aqui tinha sete anos, já foram medir as casas além, em baixo. Pode ver, ela tem sessenta e cinco. Pode você ver os anos que há... As casas onde nós moramos já andarem lá a medir.

**Diga-me uma coisa, algumas dessas pessoas retornou?**

*Não. Que saiba ninguém voltou.* [fala da filha Rita]

**E essa gente emigrada em Lisboa, Marinha... tem alguma participação activa aqui na aldeia?**

*Ah não... «muito deles tem cá uma segunda habitação, a maioria tem segunda habitação. Mas... não, tirando isso ... só de férias»* [fala da filha Rita].

**Diga-me outra coisa... assim que tradições é que aqui há? Alguma lenda, algum cantor típico...**

Aí, não há nada. Aí, ninguém sabe cantar. Estava aí um homem. Estava aí um homem que fazia versos... era da Urra, mas viveu aqui, viveu, mas não é de cá. [De seu nome António Barradas, conhecido por Aleixo, a sua filha editou um livro de versos seus].

**Mas não há assim mais nada... vi que têm um Madeiro... tem a tradição do Madeiro do Natal, não é?**

E no Ano Novo e ele ficava sempre os dias todos, mas este ano apagou-se.

[conversa paralela com Rita Ferrugento e José Ferrugento que se juntam à entrevista]

**Já agora que os senhores estão aqui [Rita Ferrugento e José Ferrugento], eu estava a perguntar se havia alguma lenda, alguma tradição local...**

Não há nada.

**Nem sobre Mouros?**

Há ali uma para os Andreiros....

«*Isso é as antas*» [fala de José Ferrugento]

«*Não há uma aqui perto, também?*» [fala de Rita Ferrugento]

«*Nos Andreiros há uma grande, ao pé da estação, a Dacosta tem uma, o Azinhal tem outra, o dos Andreiros tem duas*». [fala de José Ferrugento]

**Havia aqui alguma roupa típica da zona ou que se vestisse num dia específico? No domingo, durante o trabalho...**

*Para irmos trabalhar, arrancar sargaços... Sabe o que é sargaços?* [fala de Rita Ferrugento]

**Sei, tipo urzes...**

*Sim, o mato... Assim pequeno. E então para a gente ir trabalhar usávamos assim uma saia rodada. E então era com alfinetes. Alfinetes de dama. A gente apanhava a aba de um lado ao outro, fazia assim com alfinetes, com alfinetes, com alfinetes e ficava assim arrematadinha à perna. Que era para a gente estar à vontade.* [fala de Rita Ferrugento]

**Mas usavam meias ou...?**

*Meias, meias.* [fala de Rita Ferrugento]

**Mas as meias até à perna?**

*Até ao joelho, não se podia mostrar a perna. Aí dessa que mostrasse a perna! Que o pai logo lhe dizia...* [fala de Rita Ferrugento]

**E usavam o lenço na cabeça?**

«*Sim e chapéu, chapéu de palha*». [fala de Rita Ferrugento]

Não era nada chapéu de palha.

«*Era chapéu dos outros*». [Fala de José Ferrugento]

«*Pois é, mas eu não tive dos outros. Também sou mais nova [tem 71 anos]*». [fala de Rita Ferrugento]

**Que chapéus é que a senhora usava quando era pequenina?**

O chapéu a trabalhar eram os pretos, com uns badalos despendurados

**E quem é que fazia esses chapéus?**

Ora, eram esses homens que sabiam... O meu pai fez uma mesazinha com um coelho em cima e umas botas despenduradas, pequeninas, assim [mostra a dimensão com as mãos]. E aquilo pregava-se no chapéu.

**Mas o seu pai também trabalhava à jorna ou era só artesão? Aqui não havia ninguém que fosse só artesão?**

Hã... aqui!? Naquele outro tempo não havia.

**Havia uns que sabiam e faziam também?**

Sim.

**Mas o seu pai chegava a fazer para outros?**

Não, não. Fazia e depois dava à gente, assim umas cadeirinhas pequeninas, fazia isso.

**E roupas? Também eram as pessoas que faziam na própria casa, as roupas do trabalho? Compravam o tecido e...**

*Olhe, quando eu comecei a ceifar... a gente era uma foice... ceifava ao colo. Quem fez os meus canudos todos bordados como o coração foi ali o meu o meu homem, hoje meu marido, naquela altura era meu namorado. Era o grande uso... era os namorados bordarem os canudos à gente.* [fala de Rita Ferrugento].

### **Aí era?**

*«Era. Os canudos... só andava tudo bordado. Também já no tempo da Sra. Deolinda também havia isso». [fala de Rita Ferrugento]*

Também tive, o meu pai fazia. Aí tantos que o meu pai fazia.

*«Mas o meu pai não tinha habilidade para isso». [fala de Rita Ferrugento]*

Estou-te a dizer que eu no meu chapéu trazia uma mesazinha pequenininha, assim pequenina, um coelhinho em cima e uma bota de caneleira de cada lado, linda, aquilo era tudo pequenininho e até m' admiro... Eu tenho ali uma tarreta [pequena vasilha térmica, em cortiça] toda bordada, ele ainda fez...

*«E sabe como é que eram os nossos bailes?» [fala de Rita Ferrugento]*

### **Por acaso também queria saber isso...**

*Nos nossos bailes, aqui no tempo da Sra. Deolinda era cantar. Cantava este, cantava aquele, cantava outro. Cantavam ao desafio – «e esta moça que anda a cantar não sei quê não sei quê não sei quê» - pronto, era cantar, mas também já havia gaita, não é? No seu empo? E então quando a gente lá queria ah... quando eles organizavam o baile. A gente dizia assim: «mãe hoje temos que ir ao baile que eles estão a organizar baile ali na... para a gente ir bailar ali para o largo da escola. Hum, então que é que vem? [reproduz o que diria a Mãe] Vem o João Carita com a gaita. Ali é que era dançar até, até que ele se enfadasse. [fala de Rita Ferrugento]*

### **E esses bailes eram ao domingo?**

*Ao domingo! Dantes não havia sábados, havia, mas era para trabalhar. Só tínhamos o domingo para descansar. E vá lá! Depois mais tarde começámos a trabalhar até à uma. [fala de Rita Ferrugento]*

### **Ao sábado?**

*Ao sábado.*

### **A seguir ao 25 de Abril?**

*«Acho que foi. Não foi Sra. Deolinda? A gente deixou de trabalhar... no sábado todo o dia, que trabalhávamos só até à uma, foi depois do 25 de Abril, não foi?» [fala de Rita Ferrugento]*



Pois, foi.

«Pois, foi... pois, foi. Foi depois do 25 de Abril. Depois já íamos só até à uma». [fala de Rita Ferrugento]

**E esses bailes com que idade é que as pessoas começavam a ir?**

Oh! Gaiatas.

**Desde seis, sete anos?**

«Aí, quando era para bailar, tudo balhava». [fala de Rita Ferrugento]

Levei muita porrada quando era moça por causa dos bailes.

«Escute lá, quem organizava os bailes eram os namorados. Os que gostavam daquela e os que andavam atrás da outra». [fala de Rita Ferrugento]

Olhe eu andava a trabalhar ali num monte para o pé de [imperceptível] de brincadeira partirem-me um brinco. Para a minha mãe não me bater dormi toda a noite de lenço na cabeça. Está a ver!? Como era o tempo de ontem?

«Mas olha eu também tenho uma história de um brinco, mas foi outra história. Não viu passar esta senhora agora aí com um repolho? Com uma couve? Quando ela casou, eu já era moça, já namorava o meu Zé e, então, estava convidada para ir ao casamento... estava convidada para ir ao casamento, mas naquela semana atrasado... aí um tempo atrás... meteu-se o Carnaval... e eles para me mascarar e à gente na cara, coisas pretas e isso assim e fizeram-me cair um brinco, eu perdi o brinco. O meu pai disse-me logo: "já tens o casamento feito!"». [fala de Rita Ferrugento].

[conversa interrompida com a chegada de uma vizinha, durante a qual comentam entras elas o facto de esta última também ter nascido no Monte da Velha, embora o seu marido seja do Senhor dos Aflitos. Neste ponto a Sra. Rita Ferrugento refere que o seu marido também nasceu aí: «para aí num lado qualquer onde a mãe dele o teve, com o gado, eles andavam com o gado... acho que foi lá uma mulherzinha lá de um monte ter com ela, para ele nascer». Em seguida comentam o destino da aldeia e a sua nova localização, bem como das novas casas, em particular o facto de nestas casas novas «tudo se ouvir», «é uma javardice». Na sequência, explico o trabalho que estou a fazer, continuando as interlocutoras, de seguida, a comentar o «ouvir-se de uma casa para a outra». A Senhora Deolinda comenta que tem de ir tratar de lides domésticas, dando-se por finalizada a entrevista. A Sra. Rita Ferrugento deu

ainda algumas informações pessoais, mencionando que nasceu no Hospital do Crato e que os namorados «namoravam à porta» e «só meia-hora».]

## 1.2 TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIANA E JOÃO NARCISO FARINHA

**Data:** 02/01/2023

**Local:** na casa de ambos, no Pisão.

**Idade dos entrevistados:** 91 anos e 92 anos

---

### **O senhor João é do Pisão?**

Nasci num monte ao lado da aldeia do Monte da Velha. Lá tive aulas, na escola.

### **Nessa altura vivia lá? Quando andou na escola vivia no Monte da Velha?**

Já ouviu falar da Herdade da Crucieira? Tem o monte de Crucieira que é ligado à via, cá em baixo. Essa dita via tinha uma casa de cantoneiros, era ao pé dessa casa que estava o Monte das Taliscas. Aí é que eu nasci em 1931. O meu pai era lá guarda florestal.

### **E quando veio para o Pisão?**

Com 21 anos para tomar conta da padaria do seu pai.

### **Foi padeiro, então?**

Padeiro e taberneiro e estive na tropa.

### **Como era essa actividade?**

A gente ia buscar a farinha ao Crato e depois amassávamos aqui o pão, não é? Eu mais ele. Ele depois carregava a carroça de pão, que a gente às vezes trabalhava de noite, pois era um tempão... para ir ali para os montes. E carregava a carroça de pão... a gente às vezes tinha noites em que não se podia deitar. Era a vida da miséria. Eu passei a vida da miséria. Era

quando eh quem tem tantas pessoas pertence um quarto pão... quem tem tantas pessoas pertence o seu tanto de açúcar, quem tem tantas pessoas leva o seu tanto de azeite e aquilo era tudo por medidas, quantas pessoas tinha, quando pertencia a cada pessoa.

### **Mas o pão era a dinheiro, pagavam em dinheiro?**

A gente ia comprar a farinha e fazíamos o pão e elas vinham aqui buscar. Elas pagavam com dinheiro. E às vezes sem dinheiro, eu dava-lhes no tempo da miséria. Tanto cesto de pão que eu dava e às vezes acabava a carrinha... metia de ir buscar e fazia o pão e quando acabava de vender o pão, o dinheiro botava nelas. Elas não tinham dinheiro e tinham os filhos, eu tinha pena de não dar o pão... olhe às vezes vendia o pão e não aparecia o dinheiro. Passei muito, mesmo para o meu filho se formar. Ele queria estudar e aqui a vida estava muito mal, mas chegou onde ele quis. Isso é que é importante. Chegou onde ele quis. A gente viveu mal. Mas ele chegou onde quis. E aqui no Pisão não há outro. É o único aqui que está formado, em toda a aldeia.

### **Que nasceu cá, não é?**

Nasceu cá. Ia para a escola no Monte da Velha. Nasceu aqui, mas ia para escola que era no Monte da Velha, com uma bolsinha às costas e uma... olhe ele... ele até deve ter aí escrito [aponta para um quadro na parede].

### **E diga uma coisa. O seu marido... estava-me a dizer que nasceu no monte, não nasceu aqui?**

Nasceu no Monte que é da Crucieira, ali nas Taliscas. Ele nasceu lá.

### **Mas depois quando é que veio viver aqui para a aldeia? O senhor João?**

Quando é que viestes para aqui para o Pisão? Já depois da quarta classe e já estavas tu... já estavas... já tinhas feito a escola.

«A quarta classe fiz aqui». [fala do Sr. João Farinha]

E quanto tempo, quanto tempo viestes lá das Taliscas para a escola. lá no Monta Velha?

«Três, três anos». [fala do Sr. João Farinha]

E depois ias daqui do Pisão para lá, até à quarta classe.

**Veio para cá quando andava na quarta classe?**

Ele? Ele fez lá a primeira e a segunda e a terceira classe e depois veio para cá quando fez a quarta classe. O filho era bom estudante, mas o pai também era. O meu marido até mesmo os garotos às vezes vinham para aqui para a padaria... por exemplo, se o meu filho... e tinha um sobrinho, depois vinha outro e tinha umas cadeirinhas ali... depois sentavam-se... eu trabalhava mais o meu marido, mas ele estava-lhes a dar lições... a eles... os sobrinhos, junto com o meu filho. E então a gente ia trabalhando no pão e ele ia dando explicação a eles.

**Então, aquela escola no Monte da Velha é muito antiga? Porque se o seu marido ainda andou lá, nos anos trinta, não é?**

Eu tenho noventa e dois anos. E a minha escola foi lá.

**E o professor era de onde? Ou professora?**

A professora morava lá. A minha professora morava lá e casou... o marido depois também era... oh João de onde é que era o Sr. Cardigos? Era de onde? Onde é que ele morava? A menina Graça era do Monte da Velha.

«*Era do Monte da Velha*». [fala do Sr. João Farinha]

Pois.

«E ele era do Vale da Feiteira». [fala do Sr. João Farinha]

Ah. Pois. Ele era professor dos meninos.

**E ela das meninas?**

E ela das meninas.

**Eram casados?**

E eram casados.

A gente ajuntava-se muitas vezes com eles, quando o professor saía.

**Havia duas salas? Havia só uma sala para os meninos e outra para os meninos?**

Não era uma escola, era uma casa, uma casa velha.

**Mas não é a mesma. Ainda é aquela que lá esta?**

Essa era a escola. Mas se for à outra rua do outro lado... aquilo que ninguém diz. Está lá uma casa grande que tem uma escadaria e assim um sobrado grande e era a escola dos meninos.

**E os professores viviam lá, não é?**

Não, não.

**E de quem é que era aquela casa?**

Hum... a casa, a casa... era... oh João de quem era a casa cá por baixo da escola?

«De quem era?» [fala do Sr. João Farinha]

Sim, a casa cá por baixo lá onde vocês tinham a escola, era do Barradas?

«Era... a casa, o prédio era um só... a gente tinha a escola por cima e por baixo tinha um morador que era o Manuel Carita». [fala do Sr. João Farinha]

Mas de quem era a casa?

«Era do Barradas». [fala do Sr. João Farinha]

Ah! Era do Barradas.

«Do Barradas de Alter do Chão».

Pois, também me parecia que era tudo barrados. Era do Barradas. A escola... por baixo estava um morador e por cima era a escola. E a casa era de um senhor de Alter.

**Os miúdos estavam todos juntos, não é? Os da primeira, segunda, terceira classe... e as raparigas a mesma história...**

E a gente também, a gente estava.

**E eram mais ou menos quantos por sala? Lembra-se quantos tinha?**

Eramos muitos... havia muito gaiato e muita rapariga e havia lá muita gente e a já chegou lá... e a vir aqui do Pisão. Não havia escola aqui, mais tarde é que onde era a cooperativa é que puserem a escola lá por cima. Mais tarde, mais tarde. As miúdas aqui e os miúdos aqui ia tudo para o Monte da Velha.

**Então, mas, por exemplo, aqui o senhor João tinha irmãos?**

Tinha.

**Não se recorda quantos é que tinha?**

Quantos tinha? Olhe morreu agora o último. Tinha noventa e seis anos. Era o Antônio Farinha. Eles eram três rapazes e duas raparigas. Era o Tonho, era o meu João, era o Joaquim. Era a Maria Farinha e era a Etelvina.

**E eles viveram ou vivem aonde?**

O meu, o meu João foi mais ou menos sempre aqui. Ainda saiu daqui, ainda foi trabalhar para fora.

**Foi? Para fora?**

Mas ele é que era aqui o mais, mais...

**Onde é que trabalhou?**

Em Gáfete. Alagoa, alagoa... para a família do Gueifão.

**Família do Gueifão?**

Do Gueifão, que era da família dele e tinha padarias. E ele ainda foi orientar aquelas padarias. O Gueifão era da família do meu sogro.

**O seu sogro, então era... quer dize a família era uma família de padeiros... não sei se moleiros, padeiros, porque antigamente nalgumas zonas quem moía o pão...**

O meu sogro estava no Monte das Taliscas e depois é que mandou fazer aqui a padaria. O meu sogro era o guarda ali do Monte da Crucieira.

**E ele era de onde o seu sogro?**

Era da Alagoa

**Há aqui várias pessoas dessa zona...**

A minha sogra também era da Alagoa.

**Ele depois então vai para a Monte da Crucieira, que onde é que nasce o seu marido? E depois é que vem para cá, o seu sogro? Não foi para Monte Velha primeiro?**

Não foi

**Então, o seu marido nunca chegou a viver lá no Monte da Velha?**

Chegou, ainda lá teve taberna, foi taberneiro.

**Mas foi depois de casar, então?**

Não, era solteira não ganhava

**Então, ele lá da Crucieira veio para aqui com o pai e depois quando acabou a escola foi para o Monte da Velha e abriu um negócio?**

Foi tomar conta de uma casa que lá estava, que era uma mercearia e taberna. Quando ele tinha doze anos já lá estava a tomar conta da casa. E a casa era do meu tio. Irmão da minha mãe.

**Depois voltou quando casou consigo? Foi ali que ele a conheceu, não é?**

Claro que a gente se conheceu. Eu morava no Monte da Velha e nasci lá, noutra casa, lá do outro lado, que era dos meus pais... O meu sogro é que tomou conta daquilo. E ele era um gaiato, eu também era uma gaiata. Éramos novos. Ela foi para lá com doze. Eu tinha treze.

**Depois veio para aqui, para o Pisão, tomar conta do negócio do pai? Para tomar conta da padaria que era do pai dele. Foi por isso que vieram para cá, não é?**

Foi por isso que veio. Eu não queria. Queria ficar lá. Nasci lá, casei lá. Olhe casei nas Mártires...

**A senhora casou nas Mártires?**

Casei e tiraram-me as fotografias do casamento e o rolo estragou-se e as fotografias não apareceram... a gente do casamento que me tiraram as fotografias. Eu já não fui de carroça. Eu já fui de carro, de alugo. E a morar no Monte da Velha cinco meses.

**Quer dizer e os seus pais, Sr. João, tinham escola? Andaram na escola?**

*Não. Eles eram da Alagoa. O Monte da Velha teve escola em mil novecentos e vinte, mas depois deixou de ter e só passou a ter escola oficial em mil novecentos e trinta e cinco. [fala do Sr. João Farinha]*

**Quer dizer os seus pais trabalharam no monte, eles trabalharam no campo?**

*O meu pai era da Alagoa mais a minha mãe. Em certa altura o meu pai veio para a guarda do Mato Silva que era ao pé do Gamito. Ora, deu-lhe logo uma pancada para aqui e do Mato Silva passou para aqui em mil novecentos e vinte e dois. E deixou-me isto. Pá, ele esteve aqui dezanove anos. [fala do Sr. João Farinha]*

**E ele é que abriu a padaria?**

*Ele é que a fez. Fez, mandou a fazer. Ele tinha o irmão, que era a tenente da marinha. E tinha as padarias da Alagoa e ele é que o incentivou a fazer uma casa dessas. [fala do Sr. João Farinha]*

**E a sua mãe sempre o acompanhou, não é?**

A minha mãe morreu em 1963. Ele em 1966, mais ou menos com a mesma idade. O meu pai tinha setenta e sete e a minha mãe tinha setenta e um. [fala do Sr. João Farinha]

**E o senhor nunca trabalhou no campo, então? Sempre foi padeiro e depois tomou conta daquela taberna, não é?**

Ele nunca trabalhou no campo. Eu é que fiz tudo, eu ceifei trigo, eu mondei... Ele andou sempre nestas vidas, aqui a tomar conta aí da taberna...

**Com que idade é que começou a namorar daquilo que começou a namorar consigo?**

Ele? Aí dezassete anos

**E casaram quando?**

Eu tinha vinte e um e ele tinha vinte.

**E foi nessa altura que foram viver juntos?**

Ficamos a morar lá em Monte da Velha

**Numa casa só vossa?**

Não era a nossa. Era a minha madrinha. A minha madrinha é que disse para a gente ir morar lá para a casa dela. Ela era a minha madrinha.



**E depois quando vieram para cá, veio viver com os seus sogros?**

Eu quando vim para cá. O meu marido fez três casinhas. O senhor se entrar ali dentro da minha casa. A minha casa não é esta. A minha casa é ali daquele lado. Isto é para a gente aqui estar e ter aqui lume... E ele mandou fazer três casinhas que até digo assim... conforme as paredes fossem cair, que eu não gosto do Pisão, mas vinha para o pé dos meus sogros. E ele ia para a tropa... E eu fiquei a tomar conta disto tudo, sabe? E eu não queria vir para cá, não queria vir para Pisão, mas ele mandou fazer dois quartinhos e uma casa de entrada, que era a cozinha e depois quando veio da tropa acrescentou isto tudo, a gente é que mandou fazer isto tudo. Não foi os meus sogros. O meu sogro foi ali para a padaria. Agora aqui isso foi gente. A gente os dois é que é que mandamos construir isto tudo.

**Digam-me uma coisa os senhores casaram-se pela Igreja, são religiosos, não é?**

Somos crentes pronto. Eu cheguei a tomar conta da capela.

**E quantos anos tem a capela?**

Não me lembro... aquilo é que foi há mais de vinte anos.

*«Foi feita pelo Correia da Luz, portanto a capela deve ter 23 anos.»* [fala do Sr. João Farinha]

Pois foi, mais ou menos, a gente foi ali até ter uma reunião com ele e tanto que a gente pediu, que queria aqui uma capela para a gente velar as pessoas, que a gente velava aqui em casa e estávamos mal. E o Correia da Luz era o presidente da câmara nessa altura e a junta fez uma reunião ali na escola, veio ali, juntámos as pessoas, as que quiseram. E então ele gastou ali muito dinheiro.

**Mas os senhores antigamente quando iam à missa era à Senhora das Mártires ou era dos Aflitos?**

Era. Os mártires. A gente enterrava-se uma pessoa. Levava às costas num esquife. Saía de casa das pessoas onde era o velório e depois ia às costas.

**Antigamente nos velórios, portanto, as pessoas morriam faziam o velório em casa, não é? Imagino estavam na cama, não é?**

Sim, as pessoas reuniam-se nas casas e depois chamávamos o esquife, ia-se buscar o esquife à Senhora das Mártires que era lá na Igreja que estava, iam lá os homens busca-lo e depois metia-se um lençol e uma coisa assim, metia-se a pessoa lá dentro. a gente ia atrás

de pé do funeral. Via-se o lençol, às vezes tinha que se pousar, que era muito longe daqui até às Mártires a pé. Aquilo era, aquilo era um bocadinho. O meu marido ia...porque a gente tínhamos esta vida já se sabe, estamos sempre a olhar e a fazer bem, porque a gente também precisava de gastarem pão à gente, não é? E ele quase sempre ia também. Era assim, era dar o corpo aqui na cama e as pessoas estarem aqui...

**Depois chegava lá à igreja e havia uma missa, não é?**

Havia.

**Mas as pessoas não eram enterradas num caixão?**

Não, não. Tirava-se do coiso e metia-se para dentro da cova...

**Antigamente para a pessoa se enterra não se pagava nada, pois não? ou pagava só o coveiro?**

Pagava-se o coveiro.

«O padre era à parte. Uns levavam padre, outros não levavam.» [fala do Sr. João Farinha]

Se levasse missa o padre ia ter lá. Nem sempre havia. Que era preciso pagar. Que é quando a gente mandava fazer uma missa por alma da pessoa a gente ia daqui a pé e ele ia lá ter.

**O padre não estava lá?**

Não, o padre estava no Crato. Tinha lá uma casa.

**E não havia lá um caseiro?**

Havia. Muito ano lá estive.

«Um senhor qualquer que estava ali, morava ali e ele é que geria, ele geria aquilo e era obrigado a dar culto». [fala do Sr. João Farinha]

**Tem ideia de quantos habitantes é que a aldeia chegou a ter?**

Ela sabe que ele fazia aí o censo. Vinham pedir para ele fazer. Ele é que fazia

**Tem ideia do número, de quantos habitantes?**

«Hoje?» [fala do Sr. João Farinha]

**Não, antigamente?**

A máxima que existiu aqui foram duzentos e vinte e cinco pessoas. Logo a seguir ao 25 de Abril.

### **Nos anos cinquenta a aldeia não tinha mais gente?**

«*Não me recordo...*». [fala do Sr. João Farinha]

Olhe, chegou a um ponto que estava cheio. Cheio. Casas velhas, palheiros velhos. Tudo tinha gente. Tudo tinha gente. Não havia aqui uma casa que não houvesse aqui um morador. O Pisão estava cheio de gente.

«*Nesta altura o Pisão tinha cem casas*». [fala do Sr. João Farinha]

### **Quando você fez o censo?**

«*Tinha duzentas e vinte cinco pessoas e cem casas. É que as casas, todas essas, dessa altura... são casas que hoje não têm possibilidade de habitação. São pequeninas*». [fala do Sr. João Farinha]

Havia casas com filhos que só com tinham duas casas, quarto e casa. Viviam assim. Aquela gente lá para baixo... E a gente quando casou? Tínhamos três casas. Três casas. Era assim. Agora, quando a gente, quando era mais nova, que vinha aqui ao Pisão, isto estava tudo cheio. Não havia uma casa que não houvesse ou um velho ou uma velha ou tudo cheio.

### **As famílias normalmente quantos filhos tinham?**

Era por aí três, quatro, cinco. Aí a minha, a minha mãe teve cinco, a mãe dele teve cinco. Éramos três raparigas e dois rapazes.

### **E estas pessoas todas aqui do Pisão eram naturais daqui? Vinham de Monta Velha ou ainda de mais longe?**

Havia, mas era quase tudo daqui. As moças daqui é que abalaram para fora. Umhas foram para Lisboa, outras para a Marinha Grande, outras para a Vala do Carregado, outras para Torres Novas. Você se visse as pessoas que daqui abalaram... o que eu chorei... porque tinha uma porta aberta. Vendia muito, vendia muito. Tinha muita freguesia. E estávamo-nos a governar aqui. Bem, bem... aqui a trabalhar. E no fim abalou tanta gente, tanta gente, tanta gente e tínhamos comprado o primeiro carro. E digo para o meu João: «já vistes... tiraste a carta e compraste logo carro e agora como é que o pagamos? Como é que a gente paga o carro? E digo assim, a gente tem que pagar o carro de qualquer maneira». Uma carrinha, uma

Ford, uma Escort. E foi isso que a gente comprou, que era para logo encher de pão. Para ele ir levar pão... E foi logo na altura daquele arranque de pessoas. E eu digo assim, mas como é que a gente vai pagar?

### **Isso foi em que altura mais ou menos?**

Aí eu era nova. Então o meu filho tem sessenta e sete anos. Ele devia ter aí os seus seis anos, andava na escola... não sei em que altura foi, mas...

### **Foi antes do 25 de Abril?**

Foi antes. Às vezes ainda tenho telefonemas. Hum... delas. A perguntar-me se ainda estou bem, que eu fiquei a chorar por elas, mas depois o meu marido «ah não te chateeis, a gente vai resolver». Sabe a que deitei unhas para ganhar dinheiro? Bolos pra casamentos, batizados. Tudo aqui vinha encomendar, era isto, era aquilo. Cheguei a ir a Portalegre, tinha lá uma sobrinha numa pastelaria e cheguei lá para ela me passar as receitas e ela diz assim: «eu não posso passar diante da minha patroa. A gente vai-se esconder ali para um lado e passo para um papel». E aprendi a fazer bolos por um papel! A enrolar o papel para as voltas da massa, os folhados, os pasteis de nata. E a minha sobrinha é que me ensinou isso tudo. Eu vendia um pastel de nata por doze de tostões. Um folheado por doze tostões. Cheguei a fazer bolinhos por cinco tostões.

### **Mas a senhora tinha os ovos... tinha galinhas? Ou aonde é que os compravam?**

Tinha galinhas também, tinha ali, tenho ali uma capoeira em baixo.

### **O seu filho disse que os casamentos demoravam três dias?**

O casamento era no domingo, não é? Por exemplo, hoje íamos comer à parte do noivo, o jantar, no outro dia íamos à parte da noiva, no dia do casamento... era assim, era de três dias. O que era é que íamos comer umas vezes à minha parte, outras vezes à parte do noivo. O meu foi assim.

### **Depois do casamento na Igreja, como era?**

Juntávamos as duas partes, da parte do noivo e da parte da noiva. E no outro dia depois era o baile. Numa casa, qualquer, para a gente fazer o baile. O meu foi lá na casa da minha mãe. A minha mãe tinha lá muita casa. E no outro dia era o segundo dia do casamento e ia tudo comer à mesma. Era à véspera, era no dia e era no dia a seguir. Comiam e bailavam. É verdade. Era... e escute lá. A gente vivia mais mal, mas era tudo mais alegre. A gente em

qualquer lado fazia um baile. Este cantava, o outro tocava uma flauta e juntávamos as cachopas e eles e a gente fazia um baile em qualquer lado. Agora não, agora... começasse a namorar e menos nada está juntos e não há divertimento. E a gente vivia mal, não era? Mas... mesmo um campo esta cantava uma cantiga, a outra cantava outra e era mais um divertimento. Agora!? De olhos nos olhos e sentadas e a dizer mal umas das outras.

**E havia alguma cantiga tradicional aqui do Crato, do Pisão? Alguma coisa que as mulheres cantassem no trabalho ou os homens enquanto trabalhavam... havia alguma cantiga assim, mais típica?**

As cantigas era, era... os que cantavam bem e as raparigas e a gente fazia o baile.

**Mas não se lembra que cantigas é que eram?**

Esquece-me...

**Essas pessoas que foram para fora nunca mais voltaram?**

Nunca mais.

**Quem cá ficou, quem cá teve filhos e mesmo os senhores nasceram sempre em casa?**

Nascemos em casa... nem íamos para médico, não havia cá. E mesmo o meu filho também nunca foi para médicos.

**Também nasceu em casa o seu filho?**

Tive que ir... ele não nasceu cá porque...tive aqui uma parteira, aqui uma curiosa, mas... eh depois aquilo correu mal. De maneira que o meu João, não havia transportes, não havia telefones, não havia nada, arrumou uma bicicleta e fui buscar um carro do Crato para eu ir para o hospital do Crato e tive o meu filho no hospital. Eu ia aqui morrendo. Agora arranjam um filho e temos que ir ao médico, agora temos que ir ao médico e temos que ir fazer isto... eu nunca fiz nada. Sabe o que eu fiz? Foi fazer pão e peneira à saca, com duas peneiras e dava-me uma dor e dizia assim: «aí, aí mãe aí, que eu não posso peneirar, ainda tenho o gaiato hoje». Abalava aquela dor... vá de peneirar.

*«Você já ouviu falar do Manuel dos Cavalos? Foi um dos casos mais falados... foi aqui no caminho-férreo. É que ele matou o outro». [fala do Sr. João Farinha].*

**Matou quem?**

«*Ele matou o espanhol*». [fala do Sr. João Farinha].

### **Um espanhol? Porquê?**

«*Porque ia na mesma vida, eram cambistas. E ele soube que o outro ia para Lisboa. Ele foi para Lisboa. Vieram os dois... ele vinha no comboio e quando chegou aqu, na direção da aldeia, atirou-o fora. Até há pouco tempo foi a maior audiência que se deu no Tribunal de Portalegre*». [fala do Sr. João Farinha].

### **E foi em que altura?**

«Eu até sabia a data, agora já não me recordo... Foi entre ir para a escola e deixar a escola». [fala do Sr. João Farinha].

**E há assim mais alguma história ou alguma lenda aqui da zona do Pisão ou do Monte da Velha? Alguma lenda de algum sítio, de alguma herdade, alguma coisa que as pessoas contassem? Não se recordam de nada?**

Ora o que é que a gente...

### **Normalmente que roupa é que usavam no dia-a-dia?**

Era uma roupa qualquer... umas saias rodadas.

### **Mas com os alfinetes?**

Era uma saia assim toda rodada, depois fazíamos os «calcões» com os alfinetes, para irmos trabalhar.

### **E ao domingo tinham uma roupa especial?**

Ao domingo tínhamos que nos arranjar, vinham os namorados. Era melhor. Mas eram saias, saias e blusas.

### **E tinham sapatos?**

Era sempre sapatos.

### **Havia sapateiros na aldeia?**

Pois... os meus tios... e o meu irmão mais velho e ra tudo sapateiros. O meu tio Joaquim era aqui do Pisão. E o meu tio Emílio era do Monte da Velha, irmão da minha mãe. Era tudo sapateiros. O meu avô também era sapateiro. Eram todos... Os filhos... O meu tio Emílio era sapateiro, o meu Tio Zé era sapateiro, o meu tio Joaquim era sapateiro. O meu irmão, que era irmão mais velho, também era sapateiro, o outro meu primo que era filho aqui deste sapateiro, também era sapateiro.

**E eram de couro?** O sapato, qual era o material?

Eram oriundos de Nisa. Aquela família veio de Nisa para qui.

**Mas era couro?**

O sapato? Dizia-se que era atanado e sola de borracha ou a sola de couro. Era do que a gente queria. Que a gente podia.

**E eles compravam esse material no Crato?**

Eles compravam. E mandavam... e iam a Portalegre buscar. Para mandar a juntar, não tinha máquinas, para cozer. Tinha que... tinha que ir lá a Portalegre. Chamava ele a juntar.

**Os sapatos eram todos feitos à mão?**

Tudo, tudo feito à mão

**Para além do que falou, havia mais alguma coisa, alguma venda aqui na aldeia? Algum alfaiate ou oleiro ou outra qualquer coisa?**

Não, oleiro não havia. Vinham vender do Flor da Rosa, vender louça. Punham debaixo da oliveira e a gente escolhia.

**Mas vinham em dia assinalado ou nos fins de semana?**

Nos fins de semana. Aos fins de semana vinham cá... não era sempre, de vez em quando, pois cá à semana as pessoas também estavam a trabalhar. Panelas, caçarolas... tudo ali para a gente escolher, para comprar.

**E vinha aqui alguém vender peixe?**

Vinha, um homenzinho, vinha com uma um burro. Vinha vender as sardinhas. Era... a quase sempre só trazia sardinhas, a vinte cinco tostões o quarteirão. Era o Tio Treta: «aí Tio Treta então como é a sardinha? Vinte cinco tostões o quarteirão. Arre o burro...». Quando não

gostava que a gente lhe dissesse: «Então isso é muito caro. Venda isso mais barato» «Arre burro!»

### **Havia mais alguma venda ambulante ou era só isso?**

O homem que vinha fazer o correio lá ao Monte da Velha era o Ti Durão. Vinha fazer o correio e trazia a mala do correio a pé e trazia uma cestinha... um caçozinho ou uns carapauzitos. «Ah Ti Durão o que é que traz hoje?», «Trago aqui uns carapauzinhos e um bocadinho de cação». Do Crato a pé! E vinha trazer o correio. E vinha trazer o correio a uma minha tia que estava ali na taberna do Monte da Velha e ela às vezes é que «Ah Ti Durão quando vier traga-me um bocadinho de peixe».

### **Pois, aqui na Ribeira não se apanhava peixe?**

Hã? Os gaiatos apanhavam para eles apanharem.

### **O que é que havia para aí?**

Chamava... como é que se chamava o peixe? O peixe que eles apanhavam aqui na Ribeira, era o bordalo!? O peixe que eles apanhavam aqui, o melhor e melhor peixe aqui na Ribeira era o bordalo, mas não era para venderem.

### **Olhe e havia alguém a vender mais alguma coisa? Cestaria ou latoaria?**

Não, era só mesmo o peixe e era pouco.

### **E na aldeia, portanto, também não havia ninguém que trabalhasse madeira?**

Não, só mesmo os sapateiros, o padeiro e as tabernas. Sabe quantas tabelas aqui houve? Sete! Sete. E eu tinha aqui o forno e tinha taberna e quando vinha o fim-de-semana as pessoas... as que tinham taberna tinham petiscos... Onde é que elas vinham entregar? A mim! Umas traziam sardinha para assar, outras traziam bacalhau. Eu tinha que tomar conta. Elas só vinham buscar. Aqui no meu forno.

### **Lá no início, mais perto do Pisão Velho, também tem lá um forno?**

Tem, mas ele também serviu pouco. Mas aquele... aqui há outro.

### **Mas aquele forno lá era de quem?**



Era do povo. Quem quisesse ir lá. Se a gente quisessemos... lá no Monte da Velha era a mesma coisa. A minha mãe sempre amassou. Antes de eu casar. A minha mãe amassava. O meu pai ganhava a dias. Ganhava a farinha. E a minha mãe, toda vez que a gente tinha que amassar, no alguidar, ia cozer lá o pão. É assim... a gente juntava às vezes duas ou três, não é? Tem lá aquelas buraquinhas... o forno. Sabe para o que era aquelas buraquinhas? Era para pormos lá uma pedra. Por exemplo, a minha mãe amanhã amassava, tinha que se pôr a posse, a posse era uma pedra. Se era da outra debaixo era a segunda. Se cabiam duas, duas cozeduras, o pão, duas ao mesmo tempo, metia-se o pão das duas. Se não cabia, era só uma. Púnhamos a pedra. Essa que punha a pedra primeiro, era a posse. A que punha a segunda era atrás. Aquilo era lá no Monte da Velha. «Vai lá ao forno. Vai lá ver se há posse». A minha mãe dizia, não é? «Vai lá ver se há posse.» «Olhe mãe, não havia, mas eu pus a nossa. Pus a pedra». Pronto a minha mãe era a primeira. Atrás da minha mãe podia cozer outra. Era assim.

**Mas essa pedra era mesmo vossa? Toda a gente sabia?**

Tinha que ir perguntar. Estava lá sempre. Se a outra queria amassar naquele dia tinha que ir lá ao forno ver se havia a pedra. Se havia posse. Se havia posse tinha que perguntar quem era. Aqui no Pisão não sei como é que era.

**Voltando à questão das roupas. Havia alguma roupa especial para usar ao domingo? O que é que as pessoas normalmente usavam... as mulheres e os homens?**

Era mais ou menos... A sainha, a blusinha. Lavadinha. Era a gente vestir-se de lavadinho.

**E quem é que fazia as roupas?**

Eram aquelas que sabiam coser. Ainda aqui houve um alfaiate. Aqui meu vizinho. Já há muito ano. Quando era nova. Mandávamos fazer por medida.

**Mas então a roupa era mais ou menos a mesma? Só que era mais nova e lavada?**

Era. No meu tempo já era roupa boa. Mandada fazer no Crato, numa modista do Crato. O meu pai vivia bem. O meu pai nunca trabalhou, negociou sempre com gado. Negociava e a gente, eu e a minha irmã vestíamos sempre bem.

**E as pessoas quando iam trabalhar usavam aquelas capas?**

Não. Era os xailes. As mulheres eram os xailes. Ora os homens era qualquer coisa que lhes punham também e pronto. A gente era uns sapatos, umas meias até aqui [exemplifica na

perna]. O calção estava aqui [Exemplifica na perna], com uns alfinetes ou loureiros. E depois o xaile atado aqui com um alfinete. E os homens eram aqui umas calças, um casaco velho.

**E usavam um colete e boina? O seu marido tem boina?**

Sim, usavam. Mais tarde havia aquelas samarras, os capotes.

**E as crianças que é que vestiam? Era a mesma coisa, mesmo tipo de roupa?**

O meu filho ia à escola muita vez com roupa feita por mim. Com camisas do pai fazia blusinhas. Ao chegar da escola despia a roupinha melhor vestia outra para brincar aí à vontade, aí na rua. No outro dia para a escola vestia a roupinha melhor, para ir para a escola. Mas para brincarem, brincar era a velha, remendada e feita por mim. Das camisas velhas do pai

**E no Natal e Páscoa?**

A gente não tinha cá Natal, nem Páscoa. A minha mãe só fazia a festa quando era a festa dos Mártires. Fazia-se umas filhoses, umas filhoses mal feitas ali no alguidar. Quem as começou a fazer bem fui eu aqui na padaria. Filhoses, azevias, alguidaradas para vender. A Senhora dos Mártires é que era.

**E não celebravam o carnaval ou o entrudo?**

O entrudo, o que a gente fazia era brincadeiras, vestir-nos assim... umas de velhinha, outras de velhos. Os chocalhos era para as comadres e os compadres. Mas eu não gostava muito dessas brincadeiras, ele mascarrarem a gente. Os rapazes. Era as brincadeiras que havia. Os dias dos compadres, o dia das comadres, eles faziam as coisas deles e a gente fazia no nosso dia. O nosso dia era uma bandeirinha de papel e bonita. Uma casa qualquer, para eles depois... queriam bastar à gente, a gente mostrava a bandeira.

**E num dia normal ou ao domingo como é que as pessoas se entretinham?**

Eu andava a trabalhar e o domingo... a minha mãe tinha cinco filhos, a gente tinha que ajudar também a minha mãe. Eu e a minha irmã tínhamos... tínhamos que passar. Tínhamos de pintar a chaminé. Tínhamos que deixar a casa lavada à minha mãe. Era caiado. Era chaminé. Temos que deixar aquilo tudo arranjado. E depois é que íamos compor... quando a gente namorava. Quando a gente acabávamos o serviço... compor antes de vir o namorado. A gente

só tínhamos brincadeiras na escola. Era a gente aprender. Aprender a fazer renda, a fazer rendinhas. A fazer meias para eles.

### **E os homens? Iam para a taberna?**

Iam jogar o belho aqui na rua... Era o belho e outro daqui e era umas moedas. Eu também tinha aqui na minha taberna. Muito... horas que eles levavam a jogar o belho. Eu disse-lhe, falei para ele e disse «Querem jogar ao belho? Joguem na rua. Ali na entrada. Aqui na casa não. Já tenho os azulejos, os mosaicos da casa tudo picado das moedas. Só de atirar a moeda. Na rua em qualquer lado».

### **E os miúdos costumavam também brincar, iam para a ribeira?**

Brincadeiras que eles faziam. Era tudo a gente...

### **E os bailes eram o quê? Eram na rua ou eram nas casas das pessoas?**

Na rua e era em casa, que as pessoas davam numa casa. Às vezes diziam assim «deixe lá dançar a gente hoje, dançar aqui o baile. Às vezes algumas velhas faziam café. Chaveninha de café no baile. Café feito numa cafeteira, lá. Era dos pacotes.

### **Porque, quer dizer, nas tabernas o que é que se vendia? Era vinho ou o que é que se vendia nas tabernas?**

A cerveja. Já havia. Quando eu abri o meu café. Já havia. O meu marido foi a Campo Maior, foi lá falou com o senhor Nabeiro e mandou pôr aqui os toldos. Havia tabernas, mas ninguém tinha toldos. O meu marido foi lá, o meu marido mandou logo pôr aqui os toldos e trouxe de lá, logo bebidas. A gente quando abriu, abriu logo um café. Mesas cá fora, mais tarde. Pus logo balcão frigorífico, pus logo tudo em condições. Eu pus logo um café. Para fazer sandes. Vinha uma pessoa qualquer aqui e não havia ninguém, tinha uma coisa para fazer uma sandes... foi antes do vinte e cinco de abril. Quando eu abri o meu café, eu já abri logo o meu café como deve ser. Havia aí umas tabernas... Fui a Nisa, fui comprar mesas, fui comprar cadeiras. Fui comprar essas coisas todas.

### **Essas tabernas eram umas mesas de madeira, umas cadeiras de madeira, tinham um balcão, vendiam vinho?**

Mas eu comecei logo a fazer sandes. Eu fazia petiscos, bacalhau... fazia estas coisas nos fins-de-semana. Porque durante a semana tinha que fazer pão. E eu não tinha tempo para tudo. Ora, ao fim-de-semana havia sempre.

**Mas antes de si nenhuma dessas tavernas vendia café... era só mesmo cerveja e vinho?**

Não. Quem tinha máquina de café era eu e a Deolinda, que também teve café, mas eu também tinha máquina.

**E as mulheres entravam?**

Então não entravam? Entravam. Vinham buscar uma garrafa de vinho e ir buscar isto. Entravam.

**E esse vinho vinha de onde?**

Vinha do... vinha com uma camioneta que deixava, vendia às tabernas.

**E vinha aí um circo?**

Vinha, mas não prestava para nada, sempre. Vinha aí circo. De vez em quando. Neste largo [aponta para fora]. Mas aquilo não tinha graça nenhuma, era só para apanharem o dinheiro. Era o faz tudo, depois vinha pedir dinheiro à gente e cada um dava o que queria.

**E não havia mais nada, não havia mais nenhum espectáculo? Teatro? Nem havia aqui nenhuma biblioteca ambulante?**

Não, nada.

**Que jogos é que vocês brincavam quando eram pequeninos?**

Risquinha só na escola. Na escola. Na escola a nossa professora era o lenço. Era a cabra cega. Era dançar. Aí na escola. Aí é que a nossa professora gostava que a gente... mais desde aí. Os gaiatos começavam logo... de novo a trabalhar. Os pais metiam-nos logo a guardar gado.

**E havia alguma filarmónica ou algum grupo musical aqui na aldeia?**

Não. Havia uns homens de idade que tinham a Concertina. E tocava para a gente pagar. Era só, era só o tocar. Quando era baile só de cantigas, que não havia tocador, e cantava, cantava eles, cantava a gente. Era nesses bailaricos que começavam a namorar.

**E como é que era o namoro?**

Era à porta. Vinham para a porta de casa. Ao pé da mãe. Pouca gente aí namorou às janelas, era à porta. A minha mãe tinha lá duas janelas, mas eu fui sempre à porta até que eles não entrem em casa, e a gente, se namorou num certo tempo, podem ir com os nossos pais e entram em casa. A gente depois já está em casa. Estamos ali sentados. A minha mãe tinha um altibanco. Ao pé da minha mãe. E a gente estava ali. Algumas pessoas tinham alguns namoros antes de casar, outras não. Só um e pronto. Mas há muitas que tinham e olha lá! Também que eu não fazia mal. Então, era aquilo, era tudo.

**E os meninos quando nasciam eram baptizados? Na Senhora dos Mártires? E havia alguma festa, como que era o baptismo?**

Havia um almoço aqui. Os padrinhos e a família, nossa. O meu filho foi baptizado na Senhora dos Mártires, eu devo ter ali a fotografia do baptismo do meu filho.

**A romaria que existe é só o Senhor dos Mártires, não há assim mais alguma festa, alguma romaria?**

Não, só o Senhor dos Mártires. Mas ainda fui muita vez a pé e aqui fiz os Aflitos.

**E quem é que custeava a festa?**

A gente aqui é assim. Fazem a festa, não é? São cinco ou seis daqui. São cinco ou seis pessoas. Fazem a festa. No fim depois, quando é na altura da festa, fazem um peditório. Vêm aqui à minha porta. A todas as portas... vêm pedir uma ajudinha. A gente dá-lhe. No dia da festa vêm eles, a banda, anda aqui nas ruas a banda do Crato, e andam outros com uma colcha ou rapazes ou raparigas quem queira pegar na concha e a pedir. E a banda a tocar. A gente manda o dinheiro para a colcha. E esse dinheiro é todo para os festejos, não é para o padre. O que cai na igreja lá em cima é com o padre. Ele é que é lá o dono do dinheiro que cai. Aqui é para eles.

**Mas como é que era... como é que eram as festas? O senhor João lembra-se como é que eram as festas?**

Ele ainda foi vestir. Como é que era? Era, era, era lá em cima a festa, aqui não havia nada. Havia um baile. Bem, no dia da festa aqui era o baile, mas não havia mais nada. Antigamente não. Agora é que há aqui que comes e bebes, essas coisas. Mas aqui no nosso tempo o que havia era lá, era lá em cima no Senhor dos Mártires.

### **E o que é que havia lá em cima?**

Havia lá barracas a vender coisas, não é? E ia a banda e a gente fazia lá um baile e saía a procissão, saía da igreja. Era tudo lá. Tudo lá. Agora é que é isto tudo cá. Mas antigamente era tudo lá. Era tudo lá. E eu até achava bem lá.

### **E quantos dias é que durava?**

Agora três. Antigamente era um. Acabava a festa o dia da festa. No Monte da Velha era a mesma festa. Era assim os Mártires... As crianças vestiam-se de anjinhos. Diziam assim «Se ele se puser melhor, visto o meu menino de anjinho» e depois ia na procissão. Estou a falar do Senhor dos Mártires, que é que a gente o vestia e a quem vinha na procissão. Chegavam a ser cinco e seis anjinhos.

### **Há aqui na zona ou na aldeia alguma Alminha ou algum culto?**

Há ali no Monte da Velha. É a única. É recente. Não havia nada disso para aqui.

### **As herdades aqui à volta viviam do gado ou havia outra coisa qualquer que cultivavam? Cultivavam cereal?**

Agora é que é a moda do gado. Faziam [impercetível], faziam tomatais, faziam searas de trigo, searas de aveia, de centeio... Eu não estou a dizer que me fartei de ceifar!? Havia pouco gado.

### **Era o quê? Porcos, ovelhas?**

Aí, pouco. Quando era nova, era... tudo semeava. Era milho, era grão, era tremoços, era ser trigo, era, era tudo. Às vezes estava tudo semeado. Por isso a gente tinha trabalho. Chegámos a ter um rancho de vinte mulheres.

### **E havia tantos azinheiros como há agora?**

Isso não interessava. Isso não interessava por essas tiras. Eles semeavam, depois o arado passava ali à volta, deixava-lhe aquilo, depois andavam as mulheres a cavar um bocadinho. Andava à roda das árvores, a tapar o trigo. E andava um rancho. Andavam a semear. Mas ao pé das árvores já se sabe... os bois não podiam ir. Tinham que deixar aqueles bocados por semear. E depois andava o rancho, chamávamos a cavar marradas, a tapar o trigo.

### **Mas nessa altura não havia tantas árvores?**

Estou-lhe a dizer que o arado não passava lá ao pé, depois íamos a gente tapar. O rancho e as mulheres com uma enxada íamos tapar onde o arado não chegava.

### **E era com bois?**

Era bois. Um arado e um homem.

### **E quando é que começaram a usar alguma máquina?**

Aí, não me lembro. Isto já há muito ano que se deixou de usar essas coisas, começaram a aparecer estas coisas, já há muito ano, mas o meu tempo não. Era tudo à mão, arrancar os sargaços. Eram os arados que lavravam primeiro a terra, ficava o sargaço. Depois ia o rancho tirava os sargaços, queimar para a terra ficar limpinha para ser semeada. A cinza ficava na terra.

### **E as pessoas recebiam dinheiro pelo serviço?**

Eles tinham que pagar o ordenado à gente. Eu fui ceifar para ganhar oito escudos, a ganhar oitos escudos por passar todo o dia a ceifar. Era uma moça. Eu comecei a trabalhar no campo com treze anos. Fui logo fazendo tudo, ceifar e essas coisas todas, fui logo fazendo isso tudo. Fui aprendendo o serviço todo do campo.

### **E havia o leite? Era uma coisa normal? Havia aí cabras ou leite de vaca?**

O leite... às vezes lá vinha aí uma mulherzita vender, uma quartita... Pouco. Nem a gente achava falta. Queijo também aparecia pouco. Só os senhores lavradores é que tinham essas coisas, pastora. A gente pelo Santo António veja, pelo Santo António íamos com uma quartinha ao monte da Crucieira para nos darem uma pinga de leite, mas era a moda, íamos com uma quartinha ali ao monte, para nos darem uma pinguinha de leite, ao Monte da Crucieira. Era aquela moda. Nesse dia ela não fazia queijo, era para dar.

**Todo esse trigo era tudo para vender, não é? E dos azinheiros, aproveitavam para alguma coisa? A bolota...**

Para o gado, o gado comia bolota e a gente também apanhava. Era do patrão. Era para o patrão. O patrão é que sabia o que é que lhe fazia. A gente enchia os sacos. Com a lenha fazia fornos de carvão. Também andei lá a aterrar, a juntar os torrões dos homens. E andei lá a escolher as pêlas, chamava-lhe a gente as pêlas [sic], a tirar os tiços [sic] do carvão e a limpar o carvão todo. Fiz esse serviço também, ainda me mordeu lá um lacrau. Era para o patrão. Eles é que mandavam fazer os fornos. Depois, homens aqui do Pisão é que sabiam fazer o carvão e tratar do carvão. A fazer aquilo. E depois quando abriam o forno iam as mulheres escolher as pêlas.

**E na agricultura que alfaias usavam, para além da foice, que alfaias é que costumavam usar?**

Era conforme era o serviço. Se fosse para o sachar era uma enxada. Se fosse para mondar era um sanchinho da monda. Se fosse para ceifar era uma foice. Era conforme era o trabalho... Era daquelas pequenas de mão...

**Vocês começavam logo a trabalhar com seis, sete anos? A senhora começou mais tarde...**

Eu comecei a trabalhar aos treze e o meu pai queria que eu fosse fazer a quarta classe não queria que eu fosse trabalhar, mas eu quis ir trabalhar. E por fim fui servir. Fui servir para a casa do senhor que era o presidente da Câmara do Crato. E eu fui para trabalhar, fui para lá trabalhar para a casa deles, para servi-los. Estive lá, ainda estive lá uns meses. Mas e estive lá bem. Era melhor servir do que era andar aí a arrastar nos campos. A minha mãe foi sempre dona de casa. Porque teve cinco filhos. Ela teve que tomar conta dos meus tios...

**E diga-me uma coisa... aqui nestas nesta aldeia ou até no Monte da Velha havia alguém que tivesse algum terreno ou algum rebanho de animais?**

Não. Era tudo dos lavradores. Eles é que eram os senhores. A gente era os escravos, os escravos deles. Em todas as herdades havia um guarda. Ainda me lembro de ao Monte da Velha, ia à bolota com a minha mãe ia à bolota e logo naquela altura do guarda apanhou-me apanhou a bolsa da bolota rompeu-se e lá fui eu para casa sem nada. O guarda vivia lá com a família.

**A sua família tinha porcos?**



A minha mãe tinha sempre um porco. Um porco, uma galinha, a minha mãe tinha isso tudo.

### **E alguém tinha um burro?**

A minha mãe. Tinha uma burra e tinha galinhas. Todos os anos a gente matava um porco.

### **Mas a maior parte das pessoas não tinha nada disso?**

Algumas tinham. E a gente, a minha mãe criava para matar. O que ela criava era para a gente. Para a gente fazer chouriços, morcelas... Tudo vivia tão mal.

Eu tinha uma vizinha tinha não sei se sete filhos. Ela lá... a minha vizinha levava porrada todos os dias.... E sabe o que era o pão delas? Pão de milho. Era a minha vizinha Joaquina, e ela depois diz assim para a minha mãe: «Ana, dá-me aí uma pinguinha de azeite que eu vou fazer uma, uma broazinha de milho aí para os teus gaiatos, era para mim,».

### **E havia alguma venda, algum comércio que vendesse?**

Estava lá a loja, uma taberna. O meu João não estava lá...? E aqui também havia. Estava o meu tio. Tinha uma venda... boa.

### **E o que é que vendia?**

Tudo. Tudo também. Vendia carnes, vendia açúcar, vendia batatas, vendia essas coisas. Ia comprar e vendia. Tudo.

### **Massa não havia não é?**

Havia. Então não havia...? O meu tio tinha essas coisas todas.

### **E era a única venda que havia na aldeia?**

Nessa altura era o meu tio. Era irmão do meu pai.

### **E diga-me uma coisa. Não havia nenhuma altura em que tinham malta de fora para as sementeiras ou ceifa?**

Vinha. Vinha... no dia tempo da ceifa, já eu estava casada, vinha aqui para a Costa, vinha chamar-se os ratinhos. Os ratinhos. E então vinham fazer um contrato de quarenta e um dia. E quem governava os ratinhos, os quarenta e um dia de pão era eu. O pão só me pagavam no fim.

**Essas pessoas eram de que zona?**

Essa gente, os do carvão era do Pego. Vinham do Pego. Era daí que eles vinham. Vinham para aqui fazer carvão. E os Ratinhos não sei...

**De Castelo Branco, Sertã?**

Daí desses lados.

**Mas também havia malta do Crato, de outras aldeias do Crato?**

Não. Do Crato não.

**Depois do vinte e cinco de Abril mudou tudo. Começou com a colectivização, não é?  
As pessoas começaram a tomar posse das terras...**

Pois.

**E aqui os habitantes da Aldeia também participaram nisso?**

Sim, a mim ainda falaram nisso...

### 1.3 TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOSÉ ALEXANDRE FERRUGENTO SOBRE A O PISO DE LÃS

[durante a entrevista deslocamo-nos para o local]

**Data:** 22/12/2022

**Local:** no largo do parque de estacionamento e nas ruínas [durante a entrevista deslocamo-nos para o local]

**Idade do entrevistado:** 75 anos

---

#### **Existem ruínas de um piso de lãs?**

Sim, de qualquer coisa que ali nasceu e depois aquilo foi desprezado, pronto, isto tem aqui décadas, quatrocentos ou quinhentos anos. Isto veio através... que ainda há um resto mas já não tem nada a ver... da sétima, oitava geração ou nona geração Corta-largos.

#### **Corta largos? Corta largos o que é que é isso?**

É o nome de uma família. Aquilo era de uma família Corta-largos que tinha ali a aquele coizito ali, uns aquedutos, aquilo com máquinas... aquilo ainda há por ali umas coisas que estão por baixo do chão, mas são coisas que já muito ... aquilo tem aquilo tem ali séculos.

#### **Não tem nada a ver com a Herdade da Costa?**

Não, não. Isto é tudo de cá.

Aquilo em baixo não tem muito que ver. Dou lá um saltinho consigo.

[deslocamo-nos para o suposto local das ruínas]

Ouçã aqui era a casa aonde eles viviam, essa família dos Corta-largos, isto tem para aqui anos e anos, portanto isto não era de telha... era mato, mato por cima. As paredes é que era, pronto, isto estava tudo arranjadinho era aqui uma casa.

### **Só um piso?**

Não, não, era só tapado por cima e pronto, com o mato. A porta era aqui. Era aqui, pronto, mas isto depois já levou aqui uma remodelação porque isto mais tarde... isto para as famílias que era se calhar antigamente isto se calhar até tinha praí esses bocados...

Isto aqui, isto aqui, estas paredes que estão aqui do lado de dentro e isto não estava lá. Não estava cá porque isso já foi paredes que fiz...

### **E você diz que esta família tinha para aí umas oito gerações?**

Oito ou nove gerações, isto é dos anos quinhentos ou seiscentos.

### **Há descendentes?**

Há aqui uns restos de famílias Cora-largos, mas quer dizer... não tem nada já...

### **E contava essas histórias foi o seu o seu pai, não?**

Não, o meu pai ... a gente a ouvir as pessoas antigas. O meu pai já morreu há sessenta e cinco anos. Eu tinha dez anos quando o meu pai morreu.

E os aquedutos são aqui em baixo.

[chegamos ao local das ruínas]

Isto aqui era o tal coiso... Esta pedra... isso já foi uma coisa que alguém pós... Isto era aqui o sítio onde faziam as coisas. Agora, Isto aqui estava sempre a praiar e tinha sempre água para... porque há aí coisas debaixo do chão e por baixo do chão que aparecem dos currais ainda de antigamente **Piso de lãs?**

Ou algodão, era assim qualquer coisa. Uma coisa que a gente ouviu dizer, porque a gente não conheceu nada disto.

### **Já que aqui estamos, deixe perguntar... havia cá algum guarda-rios, vivia no Pisão?**

Era de cá, mas vivia em Portalegre.

**Obrigado!**

#### 1.4 TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MANUEL MATIAS

[durante a entrevista deslocamo-nos para vários locais, de forma a compreender melhor os elementos sobre os quais se produz a entrevista]

**Data:** 16/01/2022

**Local:** pela Aldeia, Monte da Velha e Mártires

**Idade do entrevistado:** 67 anos

---

[deslocamo-nos até à fonte Nova]

Aqui já estamos a ver uma fonte de alimentação, da primeira fonte de alimentação de mil novecentos, mil novecentos e cinquenta e oito. Está a ver aquele, aquela edificação que fica além por cima? Era para ser branco, mas já a cor do branco já desapareceu, não é? Pronto. Aquilo era o depósito que tinha um motor, tinha um motor que fazia a elevação da água do poço que está por baixo lá para cima e aquilo ficou àquele ponto para poder, para poder... a água conseguir correr na fonte onde nós... e depois quando formos daqui vamos ver... Porque isto aqui antes de mil novecentos e cinquenta e oito não tinha nenhum sítio para as pessoas irem à fonte. O que é que eles faziam? Tínhamos três pontos, tínhamos três pontos. Era uma fonte que ficava ali ao lado do depósito. Que era a fonte da Feiteira. Tínhamos outra fonte. É uma fonte térrea, é uma fonte que nasce no terreno. Que está sempre a correr durante o ano todo. Está sempre a correr por ser pé. E as pessoas aí que é iam buscar a água. E ali em cima, além da parte de cima daquelas casas, era um poço, que era o chamado poço das safras. Tem lá umas mesas. Essa era também uma das fontes de alimentação. E lá ao fundo da povoação no sentido do correr da água. Lá ao fundo da povoação, que é as últimas casas, lá para baixo, junto da ribeira, tinha outra fonte que era a fonte do Massamil. Estas eram as três... as três fontes de alimentação que a povoação tinha para se abastecer de água e arranjar a água para comer. Para os afazeres do dia a dia. Aqui assim neste ponto, ali junta à Ribeira é onde senhoras vinham lavar a roupa. Tinham umas pedras que faziam tipo lavadouro, o que está ali com uma pedra inclinada e ali punham-se de joelhos e ali é que lavavam a roupa. Mais tarde depois é que construíram aqui o tanque, o tanque das lavadeiras.

### **E as pessoas que viviam lá ao fundo?**

Iam lavar junto àquele ponto lá para lá próximo da habitação deles, está a perceber? Esta fonte foi feita quando foi feita os lavadores, esta não estava feita, foi feita quando foi feito os lavadores, pronto é uma construção recente... mil novecentos e oitenta e oito. Foi quando... foi quando se fizeram as infraestruturas de saneamento básico, águas canalizadas para as casas, não é? Mil novecentos e oitenta e oito, aproximadamente. A canalização que vai além do depósito. Vem, traz este percurso como nós vimos agora. Digamos praticamente está só a abastecer a fonte aqui do elevador.

[deslocamo-nos para o centro da Aldeia]

### **Estes muros de pedra assim soltas, de pedra seca, vocês sempre viram isto como Currais?**

Isto aqui era onde guardavam as porcas e engordavam. Cada um tinha lá o seu porco. Depois em Janeiro, quando era Janeiro era a altura certa para matar. Eu por acaso até tenho aqui umas fotografias da matança do porco.

### **Aquele campo da bola, quando é que foi feito? É o mais antigo?**

Não. O mais antigo, o mais antigo é aquilo, nem é campo nem é nada. Isto aqui já foi uma coisa feita recente, quando fizeram aqui estas casas de baixo. Estas casas aqui das festas. Que são estas casas pequeninas que estão aqui.

### **O senhor António Farinha que me disse que as pessoas iam fazer algumas necessidades ou deitar o lixo aqui?**

Pois mas isso, isso era sempre, era sempre um bocadinho mais lá. Isto há uns anos atrás...

### **Ali em baixo, ali na zona das hortas, tem lá um muro que tem assim uns arcos...?**

Pois tem. Está na minha horta. É. Aquilo funcionava assim. Aqui em baixo na ribeira está um, chamo-lhe a gente um pego. Um pego é onde a água fica parada. E cria ali assim um recipiente em ponto grande, que era chamado o pego do açude. O açude porque a água ali praiava. E dali depois continuava a água numa canalização artesanal, digamos assim. Que era estas telhas antigas, de telha mourisca, sobreposta uma na outra e a água, a água ia

passando desta para esta, pronto fazia a canalização, não é? E ia até lá essa onde estão... essa ponte, aquilo não era uma ponte, aquilo foi apenas para arranjar um ponto para a água poder passar por seu pé para se fazer a tal lavagem das lãs. A lavagem das lãs era quando tosquiavam os animais depois para se levar a lã, aquilo requeria muita água. Assim juntava-se o útil ao agradável, tinham água corrente para ir sempre lavando as lãs e depois tinham o escoamento da mesma água que apanhava o leito da Ribeira novamente.

### **Você nunca viu ninguém aqui a lavar lãs?**

Nunca. Já não é do meu tempo. Isto foi já porque as pessoas mais velhas contam, não é?

### **Porque eu vi uma referência num documento de uma venda do Pisão em mil seiscentos e trinta?**

Mas isto não é tão... aqui a nossa zona não é tão antiga como isso.

### **Será? Porque não eu pelo menos não conheço outro Pisão...**

Há aqui ao pé de Avis.

### **Mas é mesmo do Crato. É do concelho do Crato.**

[foi realizada a transcrição do documento enunciando, tendo-se verificado que o documento se refere a um Pisão nas proximidades do Crato, na ribeira do Chocanal]

Ah então só podes ser este... primeiro falava-se também, falava-se também que semeavam linho. Ali era para lavar depois a flor, antes de ser ou não sei quê... a função daquilo era sempre para fazer lavagem de alguma coisa, estava ali a água corrente e depois não prejudicava ninguém, porque ao sair dali onde fazia a lavagem a água, depois corria para o leito da Ribeira outra vez, pronto não se perdia nada. E aqui está a tal fonte que vem daquela canalização, daquele depósito que nós vimos... vem directamente aqui e esta era também uma das coisas que nós gostávamos de ver transplantar para a nova... Mas aqui só falta, só falta além... Isto tinha uma cruz além no topo. Por acaso eu nasci aqui nesta casa. Está a ver? Nesta amarela. Nasci aqui. Eu tinha três anos quando isto, quando isto aqui foi construído, digamos assim.

### **O seu pai tinha aqui algum negócio?**

Tinha aqui uma mercearia. E tinha uma salsicharia que era aqui esta casa mais altinha que está com cinzento. Matávamos os porcos e fazíamos a confecção das carnes, chouriços... A

maioria era vendida aqui. O Pisão foi construído porquê? Neste sítio? Tem, mas tem uma explicação lógica e eu vou explicar porquê. Porque em torno do Pisão, na periferia do Pisão é só herdades e como as pessoas não tinham transportes para se deslocarem para o trabalho a maioria deles ia a pé. Quanto mais perto fosse o posto de trabalho, pois melhor, não é? E como isto está tudo cheio de herdades em volta é onde os lavradores vinham a ver da mão-de-obra quando necessitavam de fazer os trabalhos lá nos montes deles. Temos herdades para além, temos para além, temos para todo o lado, não é? E então isto foi construído aqui com esse objetivo de centralizar a dormida das pessoas e havia alguns que quando se deslocavam para mais lado não vinham todos os dias a casa. Dormiam lá.

[deslocamo-nos para o Café Central, para recolher a chave do cemitério de Nossa Senhora dos Mártires]

Esta parte aqui... foi uma casa também construída, digamos que é uma construção recente, com cinquenta anos. Vinha aqui um médico por semana, a gente chamava-lhe a casa do povo. Vinha aqui um médico por semana fazer uma consulta às pessoas. Era uma vez por semana, mas era uma vez por semana para a quantidade de pessoas que aqui havia já era muito bom. E depois quando houve esta alteração ao sistema de saúde, não é? Começaram a centralizar as coisas e as pessoas aqui deixaram... o médico deixou de vir ao Pisão e as pessoas daqui é que se tinham que deslocar ao Crato quando necessitavam de fazer alguma.

#### **Quando é que deixou de funcionar?**

Ah... olhe deixe-me ver. Isto deixou de funcionar aí há uns quinze anos para aí. Nessa ordem de ideias. Mais ou menos.

Que é que eu ia dizer mais...

As pessoas trabalhavam de Sol a Sol... Quem tomava conta das crianças naquela altura eram as... como é que hei-de-dizer... era as velhotas, aquelas que já não podiam trabalhar. Ficavam com dois ou três garotos. Outra velha mais dois ou três garotos e era assim que isto funcionava, não é?



**Aqui as famílias, daquilo que eu vou percebendo nas respostas, não havia muitos filhos. Ou seja dois, três, pelo menos na sua geração.**

Havia sim, mas havia famílias com dez e onze crianças. Seis, cinco seis, quatro, cinco, seis...

**Mas na sua geração ou na dos seus pais...**

Aqui é, é a tal da Igreja do lado do Pisão [mostra uma foto da Igreja de Nossa Senhora dos Mártires]. Isto foi mandado edificar ali naquele sítio por uma razão muito simples. Porque isto dava-se... este, este... a Igreja tanto faz a Igreja, como o cemitério davam serventia a duas freguesias que eram os Fortios e eram o Pisão. Ainda hoje há pessoas da minha idade nos Fortios em que o bilhete de identidade ainda está a freguesia do Crato e Mártires. Hoje em dia Fortios já é uma freguesia independente, não é? E aquilo foi feito ali porque ficava... Isto é cerca de oito quilómetros... As pessoas... quando falecia aqui alguém, as pessoas deixavam de... naquele dia os homens ninguém ia trabalhar. E o corpo era levado às costas. Daqui até lá ao cemitério. Por isso é que as pessoas não iam trabalhar... só duas ou três pessoas não conseguiam fazer o trabalho, não é? Tinham que arranjar três ou quatro equipas e depois iam se revezando no meio a caminho.

**Neste caso os fatores das propriedades não reclamavam? Não era uma razão de conflito?**

Isto era assim. As pessoas naquela época tudo tinha necessidade de trabalhar, porque para já os ordenados eram muito baixinhos, não é? E a necessidade era muita. Mas eles... era, foi uma questão de princípio que aqui se criou, que se falecia uma pessoa no dia a seguir ninguém ia trabalhar que era para ajudar a levar o corpo daqui até à última morada deles. Como você pode imaginar era daqui subir a barreira toda. E depois de lá ainda são mais uns cinco quilómetros. O percurso que as pessoas levavam, o percurso que as pessoas levavam assim para ir para lá não era sempre por esta estrada alcatroada. Chegavam lá a cima... chegou a ir ao pé da escola?

**Ainda não fui lá...**

A gente também ainda vamos lá ao pé da escola para você...

E depois chegavam ali apanhavam uma estrada térrea por vezes e até tinham que atravessar um ribeiro que às vezes quando era de inverno era uma chatice e ia-se sempre a pé e vinha-se a pé não tinha outra coisa. As crianças abalavam daqui... todos os dias aqui pela barreira acima até lá à escola. Até ao Monte da Velha. Até lá à escola.

**Houve um senhor que me respondeu naquele questionário a dizer que a escola fechara em oitenta e três, mil novecentos e oitenta e três.**

É provável

**Mas nessa altura funcionava aqui ou abriu aqui?**

Abriu aqui. E abriu esta. Abriu esta aqui no centro da Junta de Freguesia.

**Não houve uma altura em que esta tivesse aberto e a outra ainda continuasse.**

Não, não, não, não. Quanto ficou, quanto ficou desactivada ficou desactivada. Nunca mais foi para lá ninguém.

**Fechou aquela, abriu aqui porque a maior parte das crianças eram daqui, não é? E esta fechou quando?**

Esta foi aí há dez anos... e depois agora... depois vem aqui uma carrinha da Junta de Freguesia e leva-os daqui todos os dias até ao Crato e depois à tarde vem trazê-los novamente porque as pessoas, quer dizer quando a escola mudou do Monte da Velha para aqui fazia sentido. Porquê? Porque no Monte da Velha já nem havia crianças. Já não havia com esta gente, fazia todo o sentido se houvesse aqui um sítio que se pudesse fazer escola e tinha, ali aquele edifício.

Aquilo era uma casa que em tempos foi café, era um café. Até tinha um horário diferente das tascas, enquanto as tascas fechavam às dez e meia, o café, ali o café fechava à meia-noite. Tinha esse esse pormenor. E depois as pessoas, os donos daquilo, que ali foi mudando, foi mudando de nome e os verdadeiros donos, quando foi no vinte e cinco de Abril venderam aquilo para se fazer ali uma cooperativa... uma venda, uma venda da cooperativa. E assim é que aquilo ali depois foi para a cooperativa, entretanto a cooperativa foi-se baixo. E foi a junta de freguesia então que tomou conta do edifício em si e assim e depois... e depois é que se fez uns arranjos e tal, umas coisas assim e depois a partir dali é que é que a junta começou a dar outra serventia ao edifício.

**E essa e essa cooperativa era só o pessoal do Pisão ou...?**

Não, era só daqui, era pessoal do Pisão. Por exemplo nos Fortios, nos Fortios tinham outro. Tinham outro ponto onde faziam estas coisas assim.

**Portanto essa cooperativa a maior parte das pessoas do Pisão aderiram?**

Normalmente era para os trabalhadores... digamos que aquilo era uma associação... Eram uma associação em que os maiores utilizadores eram os trabalhadores que faziam parte da cooperativa. Não sei se me faço entender...

**Mas era unidade colectiva ou cooperativas? Havia ali uma distinção?**

Havia as duas coisas. Havia o centro de trabalho, que era uma cooperativa ocupacional e havia esta cooperativa para venda... a ideia, quando foi o princípio, a ideia era fazer escoamento de alguns produtos que criassem lá, está a ver? Mas eu acho que isto não foi muito... não foi muito... não atingiu aquilo que eles esperavam. E depois foi decaindo. E depois os empregados, os empregados eram filhos trabalhadores da cooperativa, no centro, e aquilo e depois houve uma questão de organização, as coisas deixaram de funcionar... menos bem e a partir daí depois optaram por fechar aquilo. A partir daí é que a junta de freguesia veio a tomar conta do edifício.

**Nessa altura já o Pisão já tinha perdido muita gente?**

Já... A gente tinha sete tascas... havia sete tascas, uma padaria, uma salsicharia [Imperceptível] digamos só dois, só dois... o apelido deles era sapateiros, o nome era este, era... aquela família era a família dos sapateiros, eram descendentes de sapateiros. Oficialmente os únicos que ganhavam a vida com aquilo, eram só dois. Moravam naquela casa além, aquela circunferência azul e o outro morava aqui onde está esta casa azul clara depois mudou a oficina ali para trás, a casa era moradia oficina.

**Esses sapatos... aquilo era, como é que era feito?**

Aquilo usavam muito os sapatos de sola, sola, mesmo de couro, não havia cá sapatos destes.

**Não havia cá tamancos, nem nada disso?**

Era bota, era chamada a bota. Eram pele de cor e depois gastavam-se, como não havia massa para comprar umas novas chegavam-se ao sapateiro e pediam meias solas. Uns tacões... amanhos, sandálias para os garotos... e era assim que isto funcionava, digamos que não era uma oficina de grande porte. Não tinham máquinas eléctricas. Era tudo feito à mão. Para já não tínhamos luz. Porque a luz também veio para aqui em oitenta e oito, oitenta e sete. Oitenta e oito também foi quando veio para aqui a luz.

### **Até essa altura a iluminação das casas era candeeiros?**

Petróleo.

### **Mas ainda não havia ninguém que tivesse com gerador?**

Não. A única coisa que a gente aqui tinha assim, começamos a ter numa certa altura é os frigoríficos, que havia uns que funcionavam com gás, com uma botija de gás... foi a única coisa que... isto começou a aparecer quando se começou a ouvir dizer que mais tarde o Pisão vai ter luz. Porque isto só teve luz por uma razão muito simples, porque o governo fez sair um decreto-lei a dizer que todas as povoações que tivessem não sei quantas moradias era obrigatório a implementação de um circuito eléctrico para poder alimentar as casas das pessoas. E só por aí é que o Pisão teve nos anos oitenta. Só nessa altura é que...

### **Mas antes disso não havia televisão?**

A bateria. Era carregada e depois tinha que se ir ao Crato fazer a carga da bateria, está a ver? Isto era...

### **Mas só havia aí num ou noutro café?**

Havia duas ou três pessoas que tinham. Aquelas que viviam um bocadinho melhor. Tinham, tinham em casa. Tinham uma pequenina. Um ecrã mais ou menos assim desta dimensão [demonstra com as mãos]. E tinham o tal frigoríficinho com a botija a gás. O meu avô também tinha uma taberna e então eu lembro-me como é que arrefeciam quando era de verão. Tinham uns alguidares grandes e iam buscar água ao poço, quando era à noite, e depois metiam-lhe umas sacas por cima para aquilo arrefecer, chegava a temperatura da água e já não fazia mais, não é? É um processo artesanal de arrefecer a água. Mas é aqui, quer dizer nós tivemos aqui cerca de seiscentas pessoas, não é? Lá nos anos sessenta havia aqui cerca de seiscentas pessoas a trabalharem à volta.

### **O pico terá sido nos anos sessenta ou nos anos cinquenta?**

Nos anos cinquenta, sessenta.

### **Porque há pessoas que já saíram...**

Não saíram muitas. Nos anos setenta e princípio de oitenta foi quando saíram mais pessoas. A seguir ao vinte e cinco de Abril foi quando as pessoas começaram a dar a mais em debandada.

**Eu falei com um senhor, acho que ele tem ali um rebanho, ainda mora ali no início, e ele disse-me que esteve na comissão de recenseamento na altura e que eram duzentas e vinte cinco...portanto ele só estava a falar de adultos, não é? Porque aquilo era para a eleição, então seriam os tais quinhentos ou seiscentos...**

Sim, sim. Foi nos dois anos em que isto... depois a partir dali as pessoas começaram um a sair... Outros... primeiro arriscava-se uma família a ver como é que se dava. Depois aquela família organizava-se lá e tal e depois ia chamando-os os amigos, os conhecidos de família. Depois um ia levando o outro, o outro ia levando o outro e abalou daqui muita a gente...  
Marinha Grande...

**E nessa altura havia trabalho? Ou seja, no final dos anos sessenta, dos anos setenta havia trabalho?**

Foi quando entrou em decadência o trabalho rural. Porque começaram a implantar máquinas para fazer os serviços. Pronto. E a partir daí começou a decadência. As pessoas tinham dificuldade já em se conseguir haver tanto trabalho. Epá, o trabalho já era mau. E depois começaram a haver as máquinas. Antes e depois para lavrar aqui esta terra toda vinha uma data de juntas de bois, com uns arados, isso implicava aqui dez ou doze pessoas a lavrar ao mesmo tempo. Quando o tractor, enquanto eles levavam uma semana para lavrar isto, um tractor num dia ou dois faziam o trabalho todo, não é? E depois implica uma coisa, implicou a outra e isto e depois foi uma cadeia que se criou. Pronto, falta de trabalho na agricultura, a condição de ter uma vida melhor algures noutra terra qualquer e isso é que incentivou as pessoas abalar daqui.

**E quer dizer vocês... esta zona aqui sempre foi de montado ou havia...?**

Não. Sempre foi, sempre foi, a configuração sempre foi esta aqui. As searas assim para aquele lado. Para aquela zona daquele lado.

**Tem ideia de quando é que isso deixou de se plantar trigo...? Hoje em dia é basicamente gado, alguns porcos...**

Pois, mas a questão daqui da sementeira dos cereais... aqui isto nunca foi uma zona, uma grande zona de sementeira. A configuração do terreno também não o permitia. Então havia de tudo um pouco. Aqui havia mais criação de gado vacum, ovelhas, cabras. Não eram grandes rebanhos de mil ou duas mil. Cinquenta, sessenta. As propriedades em si, as próprias propriedades em si não tinham a quantidade de gado que têm agora. Tinham era muita

variedade de gado. Tinham porcos, tinham ovelhas, tinham as cabras. E tinham as vacas. Isso era a função. Enquanto a função da vaca agora é fazer criação para vender os bezerros, naquela altura era para lavrar as terras. E criavam também os bezerros.

### **E o leite, não aproveitavam?**

O leite não utilizavam, isso era, isso era mais a vaca leiteira. Aqui a nossa zona nunca foi muito propícia à criação de vacas leiteiras. O leite era das cabras e das ovelhas.

### **Isso era tudo das herdades? Não havia aqui ninguém que fizesse queijo?**

Havia uma pessoa ou outra que tinha uma vaca leiteira. E depois vendia leite às pessoas. Pronto comprava uma vaca ou duas, não era uma quantidade industrial. E vendiam só digamos para o dia-a-dia das pessoas terem leite fresco. Era escasso. A vaca normalmente todos os dias dava leite, mas a pessoa, o dono da vaca tinha os seus clientes certos. Ele tinha que guardar uma percentagem do leite da vaca para a criação. Portanto para o bezerro, ou dois ou aqueles que tivessem. E o resto dividia com a quantidade de pessoas que lhe pediam, que lhe queriam comprar. E isto funcionava mais ou menos, era um negócio curtinho, mas dava para se tirar dali alguns lucros.

[deslocamo-nos de carro para os Mártires, paramos no forno da aldeia, vamos ao Povo de Baixo e seguimos pelo Monte da Velha]

Esse forno tem trezentos anos, está aqui um e está no Monte da Velha outro. Esta fonte também é recente. É da mesma altura, da mesma da outra lá em baixo ao tanque das lavadeiras. Agora quando é que este... quando é que estes fornos eram utilizados? Na altura, na altura dos casamentos, na altura dos casamentos aqui assavam os borregos... a alimentação... os casamentos eram três dias, três dias era às vésperas, o dia do casamento e a segunda-feira normalmente... quase sempre havia, que era... era para levar os restos de comer, para não se estragar. Havia aqui, havia aqui uma coisa, um costume. Chamavam eles as fogaças, corridas faziam eles uma corrida de pessoas a pé e depois o ganhador da corrida levava um bolo tipo bolo finto, um bolo assim ponto grande, que eu tenho aqui também... tenho aqui fotografias também aqui depois... ajudam um bocado a perceber... e esses bolos eram também confeccionados aqui neste forno. Digamos que a utilização disto, propriamente dito,

nem havia uma pessoa... se houvesse aqui um moinho que... em que vendessem farinha, mas não havia essa necessidade porque a gente tinha cá uma padaria.

**Mas antes da padaria... houve quem me respondesse que antes da padaria se fazia aqui pão...?**

Pois, mas isso e depois tinha que ir, mas lá está o aquilo que lhe dizia. Não tinham o moinho para fazer... para triturar o grão para fazer o pão

**Mas, por exemplo, ali na ponte ao pé da ponta da Decosta, tem lá um moinho?**

Já não é do meu tempo e nunca o vi funcionar.

**Esta zona [povo de Baixo] do está um bocado mais degradada, sempre foi assim?**

O caminho de acesso aqui para este povo a pé... é lá ao pé do forno... este caminho apareceu mais tarde para ter acesso a vir aqui um carro, antes só a pé porque aquilo... o caminho era muito estreitinho, não é?

A fonte, a fonte que lhe falei, uma das fontes onde as pessoas se vinham abastecer de água era lá ao pé daquelas azinherias, aonde fazem aqueles caminhos de terra. É lá naquela zona, que era a fonte do Massamil.

**As pessoas passavam o ribeiro por umas pedras...?**

Que era as passadeiras.

**Pois... há quem me falasse nas passadeiras grandes...**

As passadeiras grandes, onde estão as passadeiras lá, hum... é lá ao pé da minha horta, onde está a tal ponte desenhada... aqui também havia outras passadeiras. Vê ali aquelas pedras. Também eram umas passadeiras, só que isto logo a ribeira enchesse muito... era uma chatice. E além onde tem aqueles postes de energia elétrica... aqui ficou... mandaram edificar uma ponte para que as pessoas pudessem... hum.. passar para os postos de trabalho deles.

**Mas essa ponte é de que altura?**

Essa ponte tem cinquenta anos.

**Então, mas você diz que se lembra desta zona ser um bocadinho mais degradada?**

Sim, estas casas... são pessoas que moravam aqui de uma família que mora... morava... Estas são as mais velhas. Estas e outras aqui. Estas é aqui assim atrás... Agora ali assim atrás vê se as chaminés... eh... era, isto era tudo casas que estavam assim a cair... vieram aqui estas pessoas começaram a arranjar e isto ficou, pronto, ficou mais apresentável, ficou apresentável, não é? **Já quando você era pequeno?**

Sim, está aqui a última que não está arranjada. Olhe aqui. Está a ver? As outras eram todas... tinham a mesma... ah... tinham a mesma categoria. Tinha uma divisão, as casas tinham uma divisão ou duas, pronto a divisão maior era a cozinha, onde tinham a lareira, onde faziam o comer, onde comiam. Portanto o Povo de Baixo ficava dividido por esta razão que você viu agora.

**E o nome que vocês lhe davam era Povo de Baixo?**

Era o povo de baixo. Era o Povo lá de Baixo.

**Porque já encontrei quem lhe chame Pisão Velho...**

Era, era o Povo de Baixo. Ali o Bairro da Lata era além. Olhe. Aquelas casas além é que lhe chamavam o Bairro da Lata.

**Quer dizer as grandes obras públicas por assim dizer aqui na aldeia foram nos anos oitenta? As estradas, a eletricidade...?**

A vinda da eletricidade... a vinda da eletricidade é que provocou o desenvolvimento, porque as pessoas aqui também se começaram a aperceber que as... as pessoas estavam a abalar. Quando foi o vinte e cinco de abril, acho que o vinte e cinco de abril... as pessoas... eh... começaram a ganhar coragem e ir para outros ares a ver o que é que... hum... o que é que podiam fazer.

Nós vínhamos por aqui. Aqui vinha sair uma vereda que vinha... atravessava também ali o ribeiro, mas isso era só, era só para encurtar caminho.

**Estes eucaliptais são coisas muito recetes?**

São recentes, isto dantes era sé azinheiras.



**Tudo isto é tem dono, não é baldio?**

Tudo isto tem dono, Nós e depois chegávamos aqui e assim... virávamos aqui à direita e íamos por este caminho a pé, que era pedonal até ao Monte Velha.

[no Monte da Velha]

**Aquela imagem ali da Nossa Senhora de Fátima foi feita em que altura?**

Olhe, foi inaugurada quando entrei para a escola. Em mil novecentos... ora eu nasci, eu nasci em cinquenta e cinco... em sessenta e um, sessenta e dois.

Aqui apanhávamos o caminho por aqui, pelo meio da povoação, está cá o outro forno.

**O que as pessoas normalmente comiam eram os ensopados, as sopas... um bocadinho toucinho?**

A base da alimentação das pessoas aqui, as mais pobres! Era o pão com azeitonas.

**Mas aqui havia azeitona?**

É pá quem não tinha roubava, era mesmo assim.

**As pessoas iam buscar as azeitonas, compravam o pão ali na...?**

Queijo, pão com queijo, porque o queijo parte... o queijo fazia parte de uma, de uma grande... de uma grande variedade de emprego aí nas herdades. Era faziam-lhe, chamavam-lhe as comedias.

**O que é isso?**

Davam, além davam-lhe por exemplo vinte escudos, ganhas vinte escudos, um faneco e um queijo. O faneco era o pão o pão, está a ver?

**Ou seja, também se trabalhava por... ou seja para além do dinheiro havia alguma comida?**

Havia alguma comida que...

**Mas essa comida era para comer durante o trabalho ou depois as pessoas levavam para casa?**

Não há regras sem exceção. Aquele que era mais regrado dava para comer lá e trazer para casa ou para os filhos ou para a mulher ou como ele entendesse. Aquele que... que achava que tinha que encher a barriga primeiro...

[junto à antiga escola do Monte da Velha]

Eu acho que isto não tem aqui nenhuma... nenhuma data.

**Disseram-me anos trinta...**

Outra pergunta que se faz assim... porque é que que a escola... porque carga de água é que a escola... hum... foi para o Monte da Velha e não foi para o Pisão. Não foi para o Psão que tinha muito mais gente.

**Já na altura?**

Já na altura. Pois, é simples. É simples. Hum... a povoação do Pisão já teve, já não é a primeira vez, mas isto sem construção de nenhuma barragem, já não é a primeira vez que esteve para desaparecer. Porque houve uma certa altura, aí nos anos trinta, quarenta... arranjou-se ali uma pandemia... eh... febres devido aos mosquitos, a ribeira não corria tão fluentemente como corre agora. E as águas ficavam paradas e depois naquelas alturas havia muito lagar a trabalhar nas herdades ou... e depois para onde é que ia, para os afluentes, os afluentes vinham até à ribeira e essas águas vinham tudo para ali e o delegado de saúde aqui do Crato, que era delegado de saúde aqui do Pisão e do Monte da Velha... eh... que era, era chamado do senhor doutor Homem... eh... achou por bem mandar construir a escola no Monte da Velha porque o Pisão era o Poço da Morte, era, era um sítio que não tinha, não tinha, não tinha história e não tinha grande continuação, mas aquilo e depois foi melhorando, foi melhorando, não sei porquê foi melhorando... eh... alguns algumas águas deixaram... começaram a ser... começaram a ser tratadas, outras... eh.. os lagares começaram a fechar e a água começou a vir mais limpa. Porque isto é que dava origem, isto é que dava a origem.

**Houve quem me dissesse que primeiro havia uma professora e um professor...?**

Esse professor é que mandou edificar a escola, que era o professor Cardigos.

**Eles antes da escola davam aulas na casa deles?**

Misturando um bocadinho as conversas. Por aqui era o caminho, era o caminho dos mortos, então um poço e era uma eira.

**Era da aldeia?**

Não, a propriedade chama-se monte da velha.

**Mas tem um dono, não é?**

Tem um dono. Era do professor Cardigos e depois teve aqui vários herdeiros.

**Já percebi que há... isto é quase como se fosse só uma aldeia, pelo menos há muita relação entre o Monte Velha e o Pisão. Famílias, mulheres que eram daqui que casaram com homens do Pisão. Você não sabe qual é a aldeia mais antiga ou tem uma ideia?**

A mais antiga é o Monte da Velha

**As pessoas dizem que o Monte da Velha é mais antigo?**

O Monte da Velha é mais antigo.

**Porque eu já encontrei documentos que falam de vendas de casa no Monte do Pisão...**

Pronto. Isto são fotografias. Este por acaso sou eu. Era quando tinha uns quatro aninhos... era mais por causa do fardamento.

**Isso é aquela roupa bonita, não é?**

Porque estas fotografias eram tiradas... uma vez por ano vinha daqueles, daqueles fotógrafos ambulantes com aquele tripé, aquela máquina de tripé... olho ó passarinho tsc... depois fazia a fotografia ali à nossa frente. Olhe isto, isto era uma das tascas, em que as pessoas se juntavam, sabiam que estava cá o fotógrafo, vamos tirar uma fotografia...

E estas roupas, quer dizer... as pessoas...

Eh dos domingos, dos sábados e dos domingos.

**Não vestiram de propósito?**

Não, estavam mesmo com a roupa propicia para aquele dia.

**Estou a ver que há aqui pessoas com bicicleta?**

Com uma bicicleta... já tinham algumas um bocadinho monetariamente... já viviam um bocadinho melhor.

**E estas pessoas com bicicleta trabalhavam nas herdades ou trabalhavam antes...?**

Não, nas herdades. Mas nos domingos vinham mostrar a bicicleta.

**Podiam às vezes ter outro tipo de trabalho, carteiro ou qualquer coisa no Crato...**

Não, não, não.

Olhe, isto aqui, esta parte aqui é, é, é aquela parte da... das... eh... eh... que quando se fazia... quando se ia tirar sortes. O fotógrafo aí era manhoso, ficou um bocadinho tremido.

**Quando se ia tirar sortes?**

Tirar sortes para ir para o serviço militar. Era o sorteamento. Naquele dia, naquele dia arranjavam uma pandeireta...ah... chamava-lhe a gente uma pandeireta que é um... um artigo de música, assim redondo, feito em lata e tinha assim umas palhetas no meio que aquilo fazia uma vibração, fazia um toque.

**Estas roupas todas... havia aqui algum alfaiate? Ou iam ao Crato, comprar às feiras?**

Também. Havia um alfaiate que era cá da povoação. E havia pessoas que aproveitavam as feiras em Portalegre e no Crato e iam lá comprar.

**E esse alfaiate era só alfaiate?**

Era só alfaiate.

**Lembra-se de lhe ter falado nas fogaças?**

Sim...

[mostra uma fotografia com homens segurando uma bandeja]

Quando acabavam a corrida punham um lenço na cabeça. Isto era o lenço que as senhoras usavam no dia-a-dia, porque vinham muitos molhados na cabeça, por causa do sol.

**E essa corrida era só na altura das festas ou...?**

Era só na altura do casamento.

**Do casamento?**

Só, no dia do casamento faziam uma corrida.

**No dia?**

À tarde.

**Com a roupa?**

À tarde

**Mas o noivo não ia?**

Não, só os convidados.

Olhe isto faz parte de um casamento...

**E as pessoas casavam normalmente aonde?**

A maioria das pessoas ia tudo casar ao Crato. Sabe porquê? Porque aquela igreja ficava muito esponteada [sic] da população. E não havia meio de transporte para levar aquela gente toda a assistir ao casamento. E isso é que levava...

**Então quer dizer aquela igreja só saberia na altura da festa?**

Precisamente.

Isto era a farda que as pessoas utilizavam para ir para o trabalho.

**As mulheres usavam uma calça por baixo da saia, não é?**

E outras levavam uma a saia a ser prendida aqui a meio. E faziam... faziam uns calções.

**Eu tenho procurado algumas comparações de outros sítios...**

Olhe esta aqui tem saia, está a ver? Esta aqui já tem calças.

### **Uma camisa. Apanhava a saia, um lenço...**

Isto é o acompanhamento do casamento... as raparigas mais novas e o rapaz e tal... e eu acordeonista que era lá ao fundo, ao fundo. O casamento começava e chegava... vinham a pé... lá em baixo... que é onde está aquele pontão, quando a gente entra na povoação está aquela pontezita... hum... aí vinha-se a pé quando ia para o Crato, para o casamento e descia-se quando vinham do casamento ali e ia-se a pé até à povoação.

Olhe esta é a minha mãe e o meu pai.

### **Em que ano é que eles casaram?**

Casaram em mil novecentos e cinquenta e quatro.

### **E o seu pai... recorda-me lá o nome?**

Domingos Matias.

E cá está o tal sorteamento. Está a ver? As, as coisas que eu lhe falei as pandeiras!? Depois cantavam... hum... e o acordeão andava de tasca em tasca a beber um copo e depois à noite havia um bailarico, que pagavam os sorteados.

### **Isso no dia do...**

Isto foi no dia do meu batizado. Veio um táxi à povoação, mas veio por, por causa... porque o meu padrinho estava em Lisboa. Esteva e teve pronto... foi o medo de transporte que arranjou para vir cá.

### **O primeiro carro quando é que apareceu? A primeira pessoa a ter um carro quando é que aconteceu?**

Foi nos anos cinquenta, sessenta.

Isto aqui é no campo. Durante o almoço faziam uma roda e cantavam.

O que é que cantavam?

Cantavam, era cantigas de... como é que hei de explicar, eram cantigas que se usavam aqui. Porque as pessoas dantes como é que elas faziam o baile?

### **Há danças típicas...**

Como é que elas faziam? Cantavam ao desafio. Andava tudo à roda... às vezes os rapazes para pedir namoro às raparigas era através das cantigas dos bailes. Iam andando à volta e cantando uma cantiga, depois de vez em quando acabava... e tiravam da roda e dançava cada um com o seu par. Mas sempre a cantar. Acabava aquilo, a cantiga... começava um rapaz, depois acabava um rapaz, começava uma rapariga e era assim e outros a tocar gaita, gaita de beijos. Era assim que isto funcionava.

**E isso acontecia tanto no trabalho, como um baile qualquer que alguém...**

Pois era.

**Normalmente eram os mais novos que andavam nesses bailes?**

Sim, sim.

Isto é lá na igreja. Isto é a saída dos noivos. Estão com as flores, com o arroz... aproveitavam para deitar para aquela situação.

[seguimos para as Mártires]

**Contaram-me que a aldeia chegou a ter rancho...**

Foi uma coisa, foi assim uma coisa muito superficial, está a perceber? Era um velhote, um velhote tinha assim tinha o dom para aquelas coisas, tinha propensão pronto para fazer aquele, aquele tipo de trabalhos. E um ano pelas festas dos Mártires resolveu fazer um ensaio com meia dúzia de pessoas com cantares. Mas aquilo foi uma coisa... foi aquele ano, está a ver? E depois não... foi aquele ano e depois as pessoas «pá hoje não me calha ir» e depois as coisas, quando não há força de vontade...

**Isto foi em que altura, mais ou menos?**

Nos anos sessenta, setenta.

**Mas esse rancho... eram coisas típicas daqui?**

Típicas da zona. Os cantares, os cantares não eram... digamos que não tinham sido criados aqui. Eram cantares ouvidos nos Fortios, ouvidos no aqui Crato. Pronto e havia, foram copiando digamos, digamos... aquilo era propriamente dito, era uma cópia.

### **Vocês quando eram miúdos, ou antes disso, vocês jogavam à bola?**

Era no Largo, era onde houvesse um espaçozinho. A gente chamava-lhe o campo de futebol. Que era lá ao pé daquele, onde está aquele, aquele depósito que eu lhe mostrei de onde vinha a água.

### **Mas não havia aqui nenhuma associação?**

Nunca tivemos, não. A malta juntava-se e era... aparecia de improviso.

Depois quando viermos a ver se eu não me esqueço de mostrar que aqui está outra fonte das tais térreas. São semelhantes àquelas que as pessoas iam buscar a água.

### **O que as pessoas levavam era uma bilha? Como é que se chamava?**

As senhoras era um cântaro e havia uma vasilha maior que era a que ficava no poial dos cântaros, na cozinha, que era onde as pessoas... que era mais larga, era mais barriguda e tinha a boca mais larga para caber um copo, para a pessoa chegar lá, metia um copo lá abaixo.

### **Todas essas cerâmicas eram compradas nas feiras?**

Era nas feiras, porque a gente tem uma povoação aqui ao pé do Crato que é a Flor da Rosa. Em que os artesãos eram todos dali. Eram todos dali. Aquela aldeola só funcionava, a terra do Nuno Álvares Pereira, só, só funcionava à base de oleiros.

### **Mas também havia muita coisa em cesta, não?**

Vimes. Em vimes e vergas. Aqui nós não... comprávamos nos mercados anuais. Normalmente quando vinham à Feira das Cebolas, para a Feira das Cebolas aqui a Portalegre é que compravam essas coisas, assim mais... que não eram tão fluentes de aqui aparecer. Havia uns, uns... umas famílias que eram oriundas ali de Alpalhão apareciam... pareciam digamos que era a comparação entre a pessoa normal e o cigano e eles faziam o intermeio... de intermédio. Vinham também numa carroça, vestiam-se um bocadinho e viviam um bocadinho melhor que os ciganos e faziam trabalhos em verga como você estava a dizer... também pincéis para caiar, pás para apanhar o lixo, uma vassourinha pequenina para limpar, para limpar o lar, as cinzas aquelas coisas...

O cemitério, o caminho era por aqui. Vínhamos aparecer além e depois vínhamos por aqui por esta estrada.



**Tenho tido pessoas que me dizem que as camas, eram aquelas camas de ferro, não é? Mas o colchão?**

O colchão, havia muito colchão que era feito de palha de centeio. E era cheio pelas próprias pessoas. As pessoas tinham que inventar um bocadinho, está a perceber? Consoante o tamanho da cama, porque as camas não eram por medida como são agora. E cada um, e cada um tinha o seu tamanho. E, então, as pessoas tinham que fazer as coisas à medida. Uma não se ajeitava tão bem, tinha uma prima, uma comadre que se ajeitava a fazer aquilo, fazia-lhe aquilo.

**E normalmente usavam roupas velhas, panos velhos para fazer? Mas aquilo era posto numa cama de ferro ou era uma cama de madeira?**

Não. Era, era oitenta por cento, era camas de ferro, digamos que era assim. Depois todos os anos ia levando uma manutenção. O hábito aqui era uma vez por ano fazia-se uma pintura exterior do edifício com cal e uma vez por mês fazia-se a manutenção no interior das casas. Que as pessoas não podiam andar todos os dias a limpar, porque não tinham tempo para isso. Faltava-lhe o tempo. Tratar dos garotos, fazer o comer, lavar a roupa, está a ver? Passar a roupa... é um conjunto... é um conjunto muito...

**A casa típica era, portanto, de uma, duas divisões, não é? Havia quem tivesse mais...**

Eu tinha uma ideia que isto aqui, tinha, tinha aqui uma data qualquer. Não me recordo... além. Mil oitocentos e vinte e três. Está a ver aqui à direita? Oito dois três. Aqui por cima naquele, naquele... Mil oitocentos e vinte e três, foi quando isto aqui foi...

Pronto aqui temos o cemitério...

**Nessa altura eles começaram a proibir... porque antigamente enterravam só nas igrejas ou à volta os pobres. Nessa altura com aquelas revoltas...**

Esta é a lápide mais antiga. Esta é a lápide mais antiga. Mil novecentos e vinte e dois, que era um dos donos da propriedade que era o senhor Mirrado.

**Mirrado, Bicho, Matias são assim nomes comuns daqui da aldeia...**

Este era oriundo de Mação. Mil oitocentos e oitenta e nove que ele nasceu. Mil oitocentos e oitenta e nove. Falecido na propriedade da Crucieira em vinte e sete do quatro de mil novecentos e doze.

**O cemitério é pequenino em relação à dimensão desta aldeia... não é só esta aldeia, não é? Era o Monte da Velha...**

Pois, mas nunca houve digamos, nunca houve assim grande dificuldade em fazer transladação. Agora há mais, porque as pessoas que foram comprando... foram fazendo escritura do... [Imperceptível]

Aquilo ali, é pena aquelas letras não estarem limpas para o senhor se quisesse tirar uma fotografia à lápide por causa da data.

**Eu refiro que está lá mil oitocentos e vinte e três.**

Não vê que isto caiu? Esta parede caiu. Foi reconstruída. Isto tinha aqui uma coisa atrás... Quer dizer isto não tem, não tem enrocamento.

Este espaço foi... foi oferecido pelo, pelo dono da propriedade.

**O espaço para o cemitério?**

O espaço tanto faz para construir a igreja, como para o cemitério. Eles são oriundos ali de Mação. Eram também de descendências religiosas. Levavam isto um bocadinho a preceito e depois a propriedade é muito grande e as pessoas...

A procissão sai por aqui e vai sair ao outro lado da igreja.

[voltamos para o Pisão]

**Havia pessoas que trabalhavam no carvão, não é?**

Era a família Romão que tinha o negócio. E havia pessoas que vinham do Pego. Tomavam de empreitada. Por exemplo, as Azinheiras como estas que estão doentes, não é? Vê-se logo pelas ramagens. Cortavam-nas e depois arrancavam-lhe as sapatatas. As sapatatas é as raízes. Arrancavam-lhe as raízes e daquelas raízes, daquela lenha mais, mais difícil de tratar faziam carvão. Tinham a altura, a altura do carvão era mais na zona de verão. Digamos que uma zona intermédia de Primavera. Vá, Primavera, Primavera antes do Verão e tal... por causa do... dos fogos também.

**A salsicharia que o seu avô e o seu pai tiveram, você tem alguma máquina algum instrumento que eles usassem?**

Tenho. Se quiser eu depois vou-lhe mostrar e você tira lá fotografias.

**Havia alguém que se deslocasse mesmo ao Crato para ir à missa?**

Não. Não. E as missas agora só começaram a ser usadas aqui...eram na igreja, na altura da festa sim e eram agora aqui na mortuária quando morre alguém e depois uns mandam dizer uma missa ao ano do falecimento. Outros mandam dizer aos seis meses. Pronto e é assim que vão nascendo aqui as missas.

**Vocês andaram na catequese?**

A gente tinha catequese na escola. Tínhamos escola na parte da manhã e da parte da tarde vinha aqui o padre do Crato dar a catequese à gente.

**Os seus pais andaram na escola?**

Andou aqui nesta escola o meu pai. A catequese naquela altura não, não sei. Porque o padre para dar a catequese tinha que vir... Sabe como é que o padre vinha dar catequese à gente? Em mota. Não tinha outro meio de transporte.

**Mas vocês fizeram a primeira comunhão?**

Não, não se fazia nada disso.

**Nem Crisma?**

Não se fazia nada disso. Depois mais tarde começaram a ir fazer ao Crato...

[paramos junto ao cruzamento para o Monte da Velha]

Está a ver ali a fonte? Esta construção que está ali. A água nasce ali e depois vai por esta vala abaixo, vai por aí abaixo. As outras fontes eram assim. A água era coada. Levavam um pano, levavam uma vasilha mais pequena para ir enchendo e o pano para ir coando por causa das, das daquelas porcarias, daquela bicharada que se cria ao cimo da água.

**Mas não ferviam a água antes de beber?**

Não, isto não era nada fervido. Era só chegar aqui... fogo à peça...

O tal poço, o tal poço que tinha lá as mesinhas essa era a fome principal. Tinha, tinha aquela, aquela maquinazinha e outros era um caldeiro. Aquilo agora está tapado., mas dantes estava a céu aberto. Tinha um quadradinho. Tinha assim um quadradinho para levar uma tampa. Mas a maior parte do tempo estava a tampa tirada. E, e as pessoas com um caldeiro e uma corda chegavam lá apanhavam água, enchem o vasilhame...

**Voltando ao Crisma, nem os seus pais nem os seus avós?**

Os meus pais e os meus avós não porquê... Por uma razão simples, porque tinham uma mercearia. Uma parte dos avós, uma parte que é da parte do meu pai. Os avós da parte da minha mãe, esses já... O meu avô foi muita vez pastor, muito tempo pastor, a guardar gado... E porquê? Porque é que necessitavam dessa gente? Porque não tinham estas redes que têm agora aqui, que não deixam passar os animais.

**As pessoas aqui não são muito religiosas, pois não?**

Não...isto vai da criação amigo, isto vai da criação.

**Não tinham o hábito de rezar antes de comer? À noite?**

Não, não. Lá está, isto é uma habituação que se cria logo de pequenino. Ora se a gente não tinha aqui igreja... Essas coisas tudo contribuem para que, para que as coisas não, não tomem outro rumo.

**Tem ideia das famílias mais antigas do Pisão?**

Havia aqui umas, uma das famílias mais, mais antigas aqui do Pisão que é os Corta-largos.

Há uma família também grande, que é a dos Caritas.

**Como era o namoro?**

O namoro, quer dizer namoro próprio, bem dito, tinha que ser à noite quando já não se via nada.

**Porque de dia era à porta, não é? E depois lá entravam para dentro?**

Quando atingia m certo grau de tempo.

**E quer dizer você, vocês pediam namoro aos pais?**

Não, não, isso era só na altura de chegar a um passo mais profício, que é o do casamento. É aí que se ia falar com os pais. A utilização para ir lá à casa... Mas isso não normalmente era a rapariga que depois falava com o pai e com a mãe.

[no salão do edifício da Junta]

Às vezes tínhamos... assim uma vez por ano quando começava a primavera, ia assim altaneira, havia uns circos ambulantes e esta sala era onde faziam.

**Isso na altura em que havia era o café?**

Sim.

**O teatro nunca ouve?**

Só assim umas coisas muito pontuais, está a perceber? Havia assim umas coisas muito pontuais.

**E a biblioteca, vinha aqui a biblioteca da Gulbenkian?**

Com, com livros, mas isto depois... as crianças foram desaparecendo.

**Aconteceu em que altura?**

Até aos setenta, talvez aos setenta. Talvez até aos anos oitenta. Oitenta.

**Não se lembra quando é que isso será começado...**

Digamos que a fase temporal foi, foi setenta, oitenta, setenta, oitenta para ali.

**E sabe de onde é que vinha, era de Portalegre?**

Portalegre.

**As casas quase não tinham janelas, não é?**

Sim, umas tinham... chamava-se uma gateira.

**As portas eram todas de madeira?**

Pois, eram todas de madeira.

[Dá-se por terminada a entrevista]